

NGANGA

08 - Dezembro 2022



Quimbanda & Magia Cerimonial:

- O Baphomet de Eliphaz Levi & o Maioral da Quimbanda
- A Faca de Cabo Preto de Salomão & a Faca Preta do Kimbanda

A Morte do Feiticeiro Branco

O Sacrifício de Animais



Expediente

Direção geral:
Douglas Rainho

Edição e diagramação:
Everton Martins

Revisão:
Danyo Nascimento

Foto sacrifício:
[@clickaxe](#)

Imagem de capa:
Exu Tranca-ruas De Embaré, por Diesuganga (instagram: [@ruk.rk](#))

Um projeto da Cova Cipriano Feiticeiro, Templo De Quimbanda Pantera Negra e Dama Da Noite, Templo De Quimbanda Cova de Tiriri e Perdido.co.

Contato:
revistanganga@perdido.co

Sumário

Editorial	4
Quimbanda & Magia Cerimonial: O Baphomet de Eliphaz Levi & o Maioral da Quimbanda	5
Quimbanda & Magia Cerimonial: A Faca de Cabo Preto de Salomão & a Faca Preta do Kimbanda	14
A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda Brasileira	19
O Sacrifício de Animais	40



Editorial

Chegamos a oitava edição da Revista Nganga, periódico da Feitiçaria Tradicional Brasileira, por meio da família de Quimbanda Nàgô e Quimbanda Mussurumin, Cova de Cipriano Feiticeiro, junto ao Templo de Quimbanda Cova de Tiriri. Cada edição é um sentimento de missão e compromisso que se cumpre para expansão do reinado do Chefe Império Maioral, o Diabo.

Essa edição contém quatro ensaios muito especiais; acreditamos que eles irão contribuir muito para o entendimento da Quimbanda como um sistema de feitiçaria genuinamente brasileira, transmitida dentro de um contexto iniciático e secreto, assim como na sua consolidação e expansão.

O ensaio que inaugura essa edição é Quimbanda & Magia Cerimonial: O Baphomet de Eliphaz Levi & o Maioral da Quimbanda. Pela primeira vez, na tradição literária da Umbanda e Quimbanda, a relação entre o Baphomet de Eliphaz Levi e o Maioral da Quimbanda é averiguada profundamente. Essa relação estabelece a identidade secreta de Maioral e a verdadeira natureza da Quimbanda.

O segundo ensaio, Quimbanda & Magia Cerimonial: A Faca de Cabo Preto de Salomão & a Faca Preta do Kimbanda, estabelece comparações entre os fundamentos dessas duas práticas de magia: a salomônica faca de cabo preto, cujo objetivo é convocar e amedrontar espíritos irascíveis (demônios por exemplo) e a faca preta do kimbanda, associada aos trabalhos que envolvem o Reino das Trevas.

O terceiro ensaio é de suma importância para compreensão da Quimbanda como tradição iniciática: A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda. Esse ensaio demonstra que o eurocentrismo estava na macumba muito antes da chegada de Exu e a formação das derivadas Umbandas (branca e omolocô) e a tradição de Quimbanda. Atualmente, tentam apagar da memória ancestral desses cultos a influência europeia, fazendo parecer que existe uma suposta Kimbanda sem inserções eurocêntricas. Trata-se tanto de uma impossibilidade, quanto de uma desonestidade intelectual.

O ensaio que encerra essa edição foi escrito pelo Sacerdote de Quimbanda Nàgô e editor da Revista Nganga, o kimbanda Zelawapanzu: O Sacrifício de Animais. Depreciado e denunciado como uma arte ignorante, primitiva e aborígene, este ensaio busca fazer um contraponto urgente, acerca da importância e significação do sacrifício como uma arte de ofício mágico-sacerdotal, no contexto da Umbanda e Quimbanda. Fechando essa edição, esse ensaio constrói uma ponte com a nona edição da Revista Nganga, que será inaugurada com o ensaio Quimbanda & Magia Cerimonial: O Sacrifício Animal, que buscará comparar a prática do sacrifício nos grimórios europeus de magia e com a arte do corte na Quimbanda.

Táta Nganga Kamuxinzela, Editor.
Cova de Cipriano Feiticeiro
Instagram oficial: @covadecipriano

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Quimbanda & Magia Cerimonial: O Baphomet de Eliphas Levi & o Maioral da Quimbanda



Este é o segundo ensaio da série *Quimbanda & Magia Cerimonial* que estamos publicando na *Revista Nganga*,^[1] explorando as influências da magia cerimonial europeia nas bases fundantes da Quimbanda e, em especial, a relevância da Quimbanda no atual renascer da magia dos grimórios,^[2] tema so-

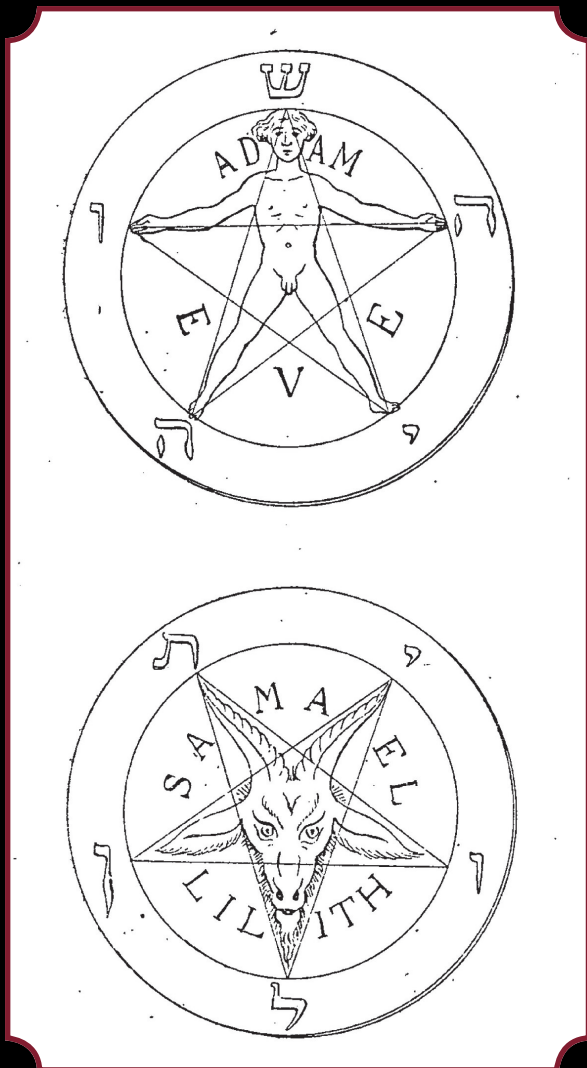
[1] Veja *Revista Nganga* No. 7 para o ensaio inaugural.

[2] Movimento que se conveniu chamar de *grimoire revival* e que traduzo como *renascer da magia dos grimórios*. Trata-se de um grupo de magistas modernos que buscam o resgate da cultura mágica dos grimórios e que flertam com elementos da cultura mágica afro-americana, além de uma revalorização das técnicas animistas e fetichistas da magia. No curso da história do desenvolvimento dos grimórios, muitos elementos essenciais a sua prática, como os sacrifícios, foram omitidos por motivos diversos. Mas as tradições afro-americanas, como a Quimbanda por exemplo, mantiveram e refinaram esses elementos perdidos dos grimórios. Então é possível, a partir de sistemas mágicos como a Quimbanda, restaurar consideravelmente a feitiçaria dos grimórios.

bre o qual fiz uma introdução na coleção de ensaios que compõem o DAEMONIUM (Vol. II).

Como vimos enfaticamente nas edições anteriores da revista, diferente do que propalam muitos umbandistas *vociferatus*, Aluizio Fontenelle (1913-1952) impactou o ocultismo brasileiro com suas três obras, em especial Exu, publicada em 1951, onde o autor inaugura o *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil,^[3] lançando as bases estruturais da li-

[3] Até esse *segundo momento* não havia ainda se formado um movimento organizado de adeptos e um sistema estruturado de práticas e ritos iniciatórios. O que se conveniu chamar de *kimbanda* antes desse *segundo momento* não se tratava de um culto organizado, mas de indivíduos, feitiçeiros, curandeiros que cultuavam Exu na Macumba. Estes não adotavam a iconografia diabólica que a Quimbanda assumiu no *segundo momento*. Veja o ensaio *A Morte do Feitiçeiro Branco na Quimbanda*.



nha tradicional de Quimbanda que conhecemos hoje, conectada ao diabolismo e demonologia europeia.

Todo autor é filho de seu tempo e não podemos descartar as influências mágico-culturais de da época em que viveu o autor. Nos livros de Fontenelle está clara a profunda influência de Eliphas Levi (1810-1875), principalmente as questões concernentes às operações mágicas, que Levi classifica como *evocações infernais*^[4] e o papel do *agente mágico universal* na magia da Quimbanda, como veremos.

Somado a isso, Fontenelle viveu em uma época onde a popularidade da prática da goécia e magia demoníaca crescia por toda parte do Ocidente, a partir da influência de Aleister Crowley (1875-1947) - quem de fato popularizou a goécia, por meio de uma tradução encomendada do Lemegeton, feita por Mac-

[4] Veja Eliphas Levi. *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*. Madras, 2019.

Gregor Mathers (1854-1918).^[5]

Ao formular suas ideias teológicas acerca da Quimbanda, Fontenelle bebeu profundamente na identidade mágica que Levi propunha sobre as artes das trevas e magia demoníaca, associadas diretamente a prática do mal e ao Diabo. Levi diz: *Os evocadores do diabo devem acima de tudo ser da religião que admite um diabo criador e rival de Deus. Para se dirigir a um poder, você tem que acreditar. Dada, portanto, uma firme crença na religião do diabo, é assim que se deve proceder para se corresponder com seu pseudo-deus: no círculo de sua ação, todo verbo cria aquilo que afirma. Quem afirma o diabo cria ou faz o diabo.*^[6] Fontenelle absorveu essa ideia completamente, imprimindo-a na descrição que faz da Quimbanda como ofício do mal e cujo Chefe em comando é Maioral, o Diabo.^[7] Ele esclarece que *pelos dogmas e misticismos criados pelas diversas religiões, acreditou-se que o mundo era dominado por divindades, as quais, com origens nas diversas partes do mundo, alastraram-se em todos os sentidos, e o objeto concreto da palavra «crer», era tido como palavra divina, significando a ciência de um sentimento que habitava dentro dos corações humanos, aliada ao dogma principal da crença, que é a «fé» provada pela própria fé. [...] Com o poder de seu raciocínio, o homem invoca o demônio na prática da magia negra, e os gênios do mal assolam o mundo material e espiritual, na esperança de que podem dominar o reino do céu. [...] Os Exus trabalham na magia negra, certos de poder arrastar para o abismo todo àquele que tem sede de conquista e ambições desmesuradas.*^[8] E em *UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS*, Aluizio Fontenelle diz que foram os agentes mágicos universais - o Povo de Exu - que fizeram Adão e Eva cair, incutindo neles o conhecimento do bem e do mal. Aqui Exu é apresentado como um agente

[5] Para um relatório completo veja Aleister Crowley. *THE CONFESSIONS OF ALEISTER CROWLEY: AN AUTOHAGIOGRAPHY*. Penguin, 1989.

[6] Veja Eliphas Levi. *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA*. Madras, 2019. No curso de leitura desse ensaio você precisará voltar a essa citação.

[7] A obra *EXU* de Aluizio Fontenelle é um marco no ocultismo brasileiro e na cultura mágica afro-brasileira, porque definiu a ideia de Exu-Diabo no imaginário brasileiro. Muito embora exista uma resistência a essa ideia em alguns grupos, o povo brasileiro vê Exu como Diabo. Como diziam os monarcas de outrora: não importa se é verdade, o que importa é se o povo acredita!

[8] Aluizio Fontenelle. *EXU. Espiritualista*, 1951.

fundamental da queda moral do homem e do pecado original. Tendo caído, os Exus-demônios se espalharam pela terra, disseminando todos os males que afligem o homem.^[9]

Então, as noções de Eliphaz Levi, sobre exercício do mal através de evocações infernais e de uma religião que venera o Diabo e sua corte de demônios, correm soltas nas entrelinhas de todos os textos de Fontenelle acerca da Quimbanda: *na Quimbanda só é conhecida a vingança, e os seus trabalhos de magia negra, apenas visam prejudicar esse ou aquele que se antepõe aos seus interesses.*^[10] Na mesma obra Fontenelle observa: *A Quimbanda apenas visa a prática do mal. E, em suas palavras iniciais dirigida aos leitores de seu livro EXU, Fontenelle exorta que a obra trata-se de um «vade mecum» sobre tudo quanto se pratica no que concerne à magia negra utilizada por Exu e que ela define, de um modo claro e insondável, toda atuação das Entidades do Mal que se denominam Exus.*^[11]

Para o sucesso nas evocações infernais, Levi menciona algumas características requeridas e passos a serem construídos, como: uma consciência endurecida pelo crime e muito acessível para o remorso e o medo; uma ignorância afetada ou natural; uma ideia completamente falsa de Deus; profanar cerimônias e símbolos sagrados; realizar sacrifícios com sangue, etc.^[12] Essas crenças também são encontradas em entrelinhas nas obras de Fontenelle que apresentam a Quimbanda como uma arte das trevas, em prol da obra do maligno sobre o reino dos homens, associando sua cosmogonia a demônios do GRIMORIUM VERUM e a iconografia tradicional de Baphomet. E aqui gostaria de me aprofundar um pouco mais nesse que é o símbolo mais importante da Quimbanda.

Na edição anterior da *Revista Nganga*, mencionei que a presença de Baphomet na

Quimbanda é mágica. Reproduzo:

O símbolo mais importante da Quimbanda é a imagem de Baphomet imortalizada pelo Ocultista francês Eliphaz Levi. Um símbolo trata-se de uma estrutura que nos capacita interpretar a realidade e que revela um significado, não necessariamente oculto, mas que as palavras podem não conseguir exprimir. Baphomet é um símbolo para o arcano da magia, e isso diz muito sobre sua presença na Quimbanda. A especulação trivial é que a Quimbanda assumiu o símbolo de Baphomet como o *Diabo* na intenção de se opor ao regime catequético cristão. Assim, assumindo o *Diabo* como simbólica do culto, infere-se que se trata de uma prática de *oposição* e *transgressão* ao *status quo* religioso dominante na cultura. Neste caso, a moral e piedade católica. Essa argumentação preenche as premissas sociológicas acerca da Quimbanda, dando sentido a elas, de fato. Mas é uma interpretação acadêmica e visão *fora locus* do culto. Baphomet como símbolo na Quimbanda está associado à prática da magia, a realização taumatúrgica da vontade ou intento-mágico na Natureza, porque é isso que se quer na Quimbanda, efetivamente. Por isso ele é o símbolo maior da Quimbanda; por isso Maioral é o deus da Quimbanda e regente da Matéria, mas não o Deus do cosmos inteiro. Ele representa a regência mágica dos poderes sub-lunares aos quais o *kimbanda* tem acesso e manipula. Sua significação real é mágica, não sociológica.

Gostaria de ir mais fundo agora!

Para isso, temos de nos debruçar sobre os escritos de Eliphaz Levi e extrair de lá as influências precisas que deram estrutura a ideia ou presença de Baphomet na Quimbanda. Assim, será possível identificar a *fórmula mágica* genuína da própria Quimbanda.

Ao mencionar os trabalhos de Quimbanda em sua obra, SARAVÁ EXU, livro que traz o brasão imperial de Maioral na sua primeira página, N.A. Molina, inspirada por Fontenelle, destaca que procurou *ensinar de tudo um pouco sobre o Agente Mágico Universal, suas cores, seus locais certos onde devem ser colocados os seus despachos. O agente mágico universal* do qual fala Molina é o Chefe Império Maioral (na forma de Baphomet) e, por extensão, os limites de atuação dos Povos de Exu e Pombagira, a própria Quimbanda.

Fontenelle em EXU declara: *por serem os Exus, os agentes mágicos universais, a eles está afeta a verdadeira arte da magia negra. E também: considerando Satanás como o grande*

[9] A posição oficial da Igreja sobre a natureza dos demônios é que eles se tratam de anjos caídos. Fontenelle faz associação direta entre esses demônios e os Exus, o que o possibilitou, portanto, conectá-los com os demônios do GRIMORIUM VERUM.

[10] Aluizio Fontenelle. O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA. Espiritualista, 1952.

[11] Aluizio Fontenelle. Exu. Espiritualista, 1951.

[12] Veja Eliphaz Levi. DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA. Madras, 2019. Características essas atribuídas aos *kimbandas* por aqueles que perseguiram e perseguem o culto, criminalizando o feiticeiro e seu trabalho. Veja o ensaio *A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda*.

agente mágico empregado para as práticas do mal, pela sua vontade perversa de criar uma força puramente sobrenatural, é o dominador da magia negra em todas as condições que regem o destino da humanidade, que se debate na inconsciência de obter para si o domínio daquilo que possa existir além da vida comum. Em poucas palavras Fontenelle defini a natureza taumatúrgica da Quimbanda, estabelecendo seu propósito. Esse termo, *agente mágico universal* – associado por Fontenelle e, depois dele, por outros autores como Molina, ao Chefe Império Maioral, todo Povo de Exu e tudo o que envolve a arte da magia negra da Quimbanda, seu ofício, tecnologias mágicas, locais de poder e fundamentos – vem diretamente de Eliphaz Levi. Em sua obra *A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS*, ele diz:

O agente universal é a força vital e subordinada à inteligência. Abandonado a si próprio, devora rapidamente, como Moloch, tudo o que gera, e transforma em vasta destruição a superabundância da vida. É, então, a serpente infernal dos antigos mitos, o Tífon dos egípcios e o Moloch da Fenícia; mas, se a sabedoria, mãe dos Eloim, coloque o pé sobre a cabeça, extingue todas as chamas vomitadas por ele e derrama sobre a terra, a mãos cheias, uma luz vivificante. [...] O Baphomet, figura panteística do agente universal, não é outra coisa senão o demônio barbudo dos alquimistas. Sabe-se que os mais graduados na antiga maçonaria hermética atribuíam a um demônio barbudo dar conclusão à pedra filosofal, cabendo ao não iniciado nesta palavra persignar-se e tapar a vista, mas os iniciados ao culto de Hermès-Pantheé compreendiam a alegoria e cuidavam em não explicá-la aos profanos.

[...] Todos os homens verdadeiramente fortes são magnetizadores e o agente universal obedece à sua vontade. É assim que eles operam maravilhas. Fazem-se acreditar, fazem-se seguir e quando dizem: Isto é assim, a natureza de certa forma muda aos olhos do vulgo e torna-se o que o grande homem quis. Isto é minha carne e isto é meu sangue, disse um homem que se fez Deus por suas virtudes e, em presença de um pedaço de pão e de um pouco de vinho, dezoito séculos viram, tocaram, provaram, adoraram a carne e o sangue divinizados pelo martírio! Dizei-nos agora que a vontade humana nunca realiza milagres!

[...] Essa identidade da vida física permite às vontades mais fortes apoderarem-se da existência das outras e tornarem-se suas auxiliares, explica as correntes simpáticas que ocorrem em proximidade ou à distância, e dá todo o segredo da medicina oculta, porque essa medicina tem por princípio a grande hipótese das analogias universais e,

atribuindo todos os fenômenos da vida física ao agente universal, ensina que é preciso agir sobre o corpo astral para reagir sobre o corpo materialmente visível; ensina também que a essência da luz astral é um duplo movimento de atração e de projeção; assim como os corpos humanos atraem-se e repelem-se uns aos outros, podem também absorver-se, propagar-se uns nos outros e realizar trocas; as ideias ou as imaginações de um podem influenciar sobre a forma do outro e reagir em seguida sobre o corpo exterior.

E, em, *DOGMA E RITUAL DE ALTA MAGIA* Eliphaz, Levi acrescenta:

Existe também, na natureza, uma força muito mais poderosa que o vapor, e por meio da qual um só homem que pudesse apoderar-se dela e soubesse dirigí-la, transformaria e mudaria a face do mundo. Esta força era conhecida pelos antigos; ela consiste num agente universal, cuja lei suprema é o equilíbrio e cuja direção está diretamente ligada com o grande arcano de magia transcendente. Pela direção deste agente pode-se mudar até a ordem das estações, produzir à noite os fenômenos do dia, corresponder num instante de uma extremidade à outra da Terra, ver como Apolônio o que se passa no outro lado do mundo, curar ou ferir a distância, dar à palavra sucesso e repercussão universais. Este agente que apenas se revela sob as pesquisas dos discípulos de Mesmer, é precisamente o que os adeptos da Idade Média chamavam a matéria-prima da grande obra. Os gnósticos faziam dele o corpo ígneo do Espírito Santo, e era ele que era adorado nos ritos do Sabbat ou do templo, sob a figura hieroglífica de Baphomet ou do bode Andrógino de Mendes. [...] Na alma do mundo, que é o agente universal, há uma corrente de amor e uma corrente de cólera.

Este fluido ambiente e que penetra em todas as coisas; este raio destacado da coroa do sol e fixado pelo peso da atmosfera e pela força de atração central; este corpo do Espírito Santo que chamamos o agente universal, e que os antigos representavam sob a figura da serpente que morde a sua cauda; este éter elétrico e magnético, este calórico vital e luminoso, é figurado nos antigos monumentos pela cintura de Isis, que se envolve e resolve em laço de amor ao redor dos dois pólos, e pela serpente que morde a sua cauda, emblema da prudência e de Saturno.

[...] Atribuímos, pois, todos os fatos estranhos do movimento das mesas ao agente magnético universal, que procura uma cadeia de entusiasmo para formar novas correntes. É uma força cega por si mesma, mas que pode ser dirigida pela vontade dos homens e que é influída pelas opiniões correntes. Este fluido universal, se quiserdes que seja um fluido, sendo o meio comum de

todos os organismos nervosos e o veículo de todas as vibrações sensitivas, estabelece, entre as pessoas impressionáveis, uma verdadeira solidariedade física, e transmite, de umas às outras, as impressões da imaginação e do pensamento. O movimento da coisa inerte, determinado pelas ondulações do agente universal, obedece, pois, à impressão dominante, e reproduz, nas suas revelações, ora toda a bizarrria e toda a mentira dos sonhos mais incoerentes e mais vagos.

[...] A grande obra é, antes de tudo, a criação do homem por si mesmo, isto é, a conquista plena e total que faz das suas faculdades e do seu futuro; é, principalmente, a emancipação perfeita da sua vontade, que lhe assegura o império universal do Azoth e do domínio da Magnésia, isto é, um pleno poder sobre o agente universal.

[...] A antiga serpente da lenda nada mais é do que o agente universal, é o fogo eterno da vida terrestre, é a alma da terra, e o fogo vivo do inferno.

[...] Ser profeta é ver adiantadamente os efeitos que existem nas causas, é ler na luz astral; fazer milagres é agir sobre o agente universal e submetê-lo à nossa vontade.

Em Levi temos, portanto, abundantes informações do que é efetivamente o *agente mágico universal*: i. uma força vital subordinada a inteligência do homem, que responde a sua vontade e com a qual ele pode mudar o destino do mundo; ii. um fluido vital que penetra, anima e dá forma a todas as coisas existentes no cosmos; iii. uma força cega que a tudo pode destruir, caso não seja dirigida com sabedoria; iv. seu domínio possibilita a *realização da grande obra* alquímica; v. é o veículo de todas as vibrações sensitivas; vi. trata-se de um éter magnético, elétrico, calórico e luminoso, daí *luz astral*; vii. fonte ou meio, por onde ocorre todas as correspondências simpáticas da magia etc., além dos inúmeros símbolos a ele atribuídos, os quais Fontenelle se esforçou para incluir no Brasão Imperial de Maioral, como veremos abaixo. Mas, de todas as considerações acima, uma específica chama a atenção, porque revela a identidade secreta de Maioral: *Na alma do mundo, que é o agente universal, há uma corrente de amor e uma corrente de cólera.* Então o *agente mágico universal*, o Maioral da Quimbanda, não é outro senão a Alma do Mundo dos filósofos e magos da Antiguidade e Renascença. A Quimbanda é um culto, portanto, a Alma do Mundo, na forma de um Diabo!

Em UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS, Aluízio Fontenelle associa o Brasão Imperial

de Maioral a soberania radiante de Lúcifer, como o *agente mágico universal*. De outra forma, acompanhe-me aqui, para isso ficar bem claro: Eliphaz Levi diz que a iconografia diabólica de Baphomet trata-se da *alma do mundo*, denominando-a, também, ora de *agente mágico universal*, ora de *luz astral*. Fontenelle, baseando-se nessas ideias de Eliphaz Levi, associa o Chefe Império Maioral, o Diabo ou a Trindade Infernal (Lúcifer, Beelzebuth e Ashtarot), a imagem de Baphomet, ao mesmo tempo que o chama de *agente mágico universal*. Então Maioral, o Chefe Imperial do Reinado da Quimbanda, é o mesmo Baphomet de Eliphaz Levi, o Bode de Mendes ou Rei do Sabbath, e a própria Alma do Mundo conforme interpretação dos magos renascentistas, como Cornélio Agrippa (1486-1535), Paracelso (1493-1541), Fracastoro (1478-1553) etc.

Há algum tempo, venho demonstrando que a Quimbanda recebeu influência salomônica, através da tradição cipriânica, o que é confirmado por Fontenelle ao descrever o Brasão (ou corpo) Imperial de Maioral. *Ele diz: O triângulo mágico de Salomão; tendo na parte superior o Sol tem a significação de: agente mágico dominador das forças naturais e dos fenômenos da Natureza. A cobra mordendo a cauda significa o domínio sobre a vida e a morte, pelos dogmas mágicos da medicina*



astral. O pentágono de Salomão circunscrito à cobra, e tendo na sua parte superior o ponto de São Cipriano (pentáculos de Ezequiel e de Pitágoras – duplo triângulo de Salomão), representam as ciências ocultas (alta magia e magia negra). Os dois ponteiros perpendiculares ao crescente lunar que têm sobre si sete cruces, significam o poder sobre a terra e o poder sobre os homens, dominados pelas forças cósmicas [as correntes de amor e cólera citadas por Levi], e de natureza terrena. As duas espadas cruzadas por trás do triângulo de Salomão, significam o poder absoluto, tendo a dirigi-lo a irradiação de Marte e Mercúrio (duas estrelas laterais).

Se essa descrição estivesse em um livro de Eliphas Levi, eu não conseguiria estabelecer uma distinção entre os autores. Ao ler essa passagem de Fontenelle, escuto com a voz de Eliphas Levi. Fontenelle não apenas descreveu a fórmula mágica da Quimbanda, ele desencapou o fio da influência mágico-ancestral do culto. A ponte que estabeleço entre a Quimbanda e a magia da Antiguidade e Medievo, nestes ensaios para a *Revista Nganga*, está completamente esboçada no Brasão Imperial de Maioral.

Sendo o Chefe Império Maioral e, por extensão todos os Exus e Pombagiras da Quimbanda, o agente mágico universal, ele sendo o Deus e Regente Maior da Quimbanda, o Senhor da Matéria e constituindo o ambiente natural da prática da feitiçaria do culto, concluímos que o Chefe Império Maioral é a totalidade da Quimbanda. É somente dentro dessa perspectiva que é possível inferir Maioral como a primeira encruzilhada de fogo, a força regente primordial da Quimbanda - a força regente primordial que anima todas as substâncias materiais e imateriais, estruturando suas formas no cosmos (natureza, reino da geração, matéria).

A significação de Maioral, portanto, é mágica, constituindo toda obra e operação da magia nos domínios do cosmos material. Maioral é o símbolo mágico mais importante da Quimbanda, porque a natureza do culto é a arte da magia. É somente para o aperfeiçoamento do ofício da magia que a Quimbanda existe.

Então, a Alma do Mundo dos filósofos e magos do passado é, em Eliphas Levi, o agen-

te mágico universal. A teurgia dos ORÁCULOS CALDEUS, na Antiguidade, apresenta a Alma do Mundo como uma teia de vida que conecta e anima todas as coisas no cosmos, promovendo, portanto, a simpatia entre todas as coisas. Essa interpretação da Alma do Mundo influenciou o neoplatonismo tardio e a tradição da magia no Renascimento. Ela foi chamada de Hécate e representou nos ORÁCULOS CALDEUS a totalidade das forças e o próprio ambiente da Natureza, ou seja, o cosmos material. Sarah Iles Johnston demonstra em sua obra HEKATE SOTEIRA,^[13] que a Hécate ou Alma do Mundo, dos ORÁCULOS CALDEUS, não era diferente da ideia platônica tradicional de Alma do Mundo (ou Cósmica).

Na concepção cosmológica platônica clássica, o Mundo - o cosmos material - é considerado um grande animal dotado de alma, a Alma do Mundo. Ela foi representada em diversos símbolos no curso da história: um dragão lançando chamas, um bode diabólico, o Oroboros, etc.

Platão (428-348 a.C.), concebeu o cosmos em Timeu (34b), imaginando sua alma como uma construção puramente geométrica orquestrada pelo Demiurgo. Posteriormente, os estoicos fizeram uma reinterpretação da Alma do Mundo, comparando-a ou identificando-a com o próprio Deus na forma de um animal imortal, racional, perfeito, inteligente e bem-aventurado.^[14] Em Plotino (205-270 d.C.), na inauguração do que ficou conhecido posteriormente como neoplatonismo, a Alma do Mundo torna-se a segunda Hipóstase (emanação) do Uno-Deus e procede da primeira, o Intelecto (nous) de Deus. Com isso, a alma do Mundo, em Plotino, é um espírito intermediário, porque de um lado ela se volta apenas para o Intelecto divino, o nous, mas por outro ela se volta para as coisas materiais,

[13] Sarah Iles Johnston. HEKATE SOTEIRA: A STUDY OF HECATE'S ROLES IN THE CHALDEAN ORACLES AND RELATED LITERATURE. *American Classical Studies*, 21. Scholars Press, 1990.

[14] É somente dentro desta interpretação estoica que o Grande Dragão Negro de Danilo Coppini (*Corrente LTJ* 49) faria de fato algum sentido, àquele mesmo de Oliver St. John em alocar a deusa Ashera em Kether na Árvore da Vida, fazendo do cosmos material (Chesed a Malkuth) a existência total, colocando a terra no céu! De Coppini veja QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA (Via sestra, 2019). De Oliver St. John veja RITUAL MAGICK: INITIATION OF THE STAR AND THE SNAKE (Ordo Astrí, 2019); MAGICAL THEURGY: RITUALS OF THE TAROT (Ordo Astrí, 2015); HERMETIC QABALAH FUNDATION: COMPLETE COUSE (Ordo Astrí, 2018).

as quais ordena e anima.

É da escolástica que nasce a ideia de Alma do Mundo, como o Espírito Santo, na teologia de Pedro Abelardo (1079-1142) e outros teólogos como Bernardo Silvestre (1085-1178) e Teodorico de Chartres (1100-1150). No período do Renascimento, foi Giordano Bruno (1548-1600) que retomou a discussão sobre a Alma do Mundo e para quem Deus é o próprio intelecto do cosmos, sendo Ele a primeira e fundamental faculdade da Alma do Mundo, ou seja, a forma do próprio cosmos. Os postulados de Giordano Bruno, sobre a Alma do Mundo, influenciaram profundamente os magos de sua época como Cornélio Agrippa, Paracelso, Fracastoro, Giovanni Campanella (1568-1639), etc. pois, eles resgatam as concepções dos ORÁCULOS CALDEUS sobre a Alma do Mundo como um *espírito* que a tudo conecta e anima, em cujas formas potenciais de todas as coisas existem e promove a simpatia entre todas as coisas, possibilitando a interpretação clássica da ação da magia naquele período: o fundamento da simpatia universal, entre as coisas do cosmos, permitindo a utilização do material base das operações de magia, como vimos em Levi anteriormente, acerca do *agente mágico universal*. Os gigantes do passado enriquecem nossa discussão:

Há, portanto, certa espécie de Espírito que deve ser o meio pelo qual as almas celestiais se juntam a corpos brutos e lhes conferem maravilhosos dons. Esse Espírito está, do mesmo modo, no corpo do mundo, como os nossos estão no corpo do homem. Pois, assim como os poderes de nossa alma são comunicados aos membros do corpo pelo espírito, também a virtude da Alma do Mundo se difunde por meio de todas as coisas pela quintessência; pois não há nada no mundo inteiro que não tenha uma centelha de sua virtude; mas há muito mais infundido nessas coisas que receberam ou absorveram muito desse Espírito. Ora, esse Espírito é recebido ou absorvido pelos raios das estrelas a tal distância quanto essas coisas se fizerem confortáveis a elas. Por meio desse Espírito, portanto, toda propriedade oculta é transmitida às ervas e pedras, aos metais e animais, por meio do Sol, da Lua, dos planetas e das estrelas mais altas que os planetas.

[...] Ora, se você deseja receber virtude de alguma parte do mundo ou de algum astro, deverá (levando em conta o uso das coisas que pertencem a tal astro) entrar sob a influência peculiar dele, assim como a madeira, por exemplo, serve para receber

a chama, por razão do enxofre, azeviche e óleo. Todavia, quando você aplica a qualquer espécie de coisa, ou a uma coisa individual, muitas coisas da mesma natureza espalhadas entre si, em conformidade com a mesma ideia e astro, por essa matéria tão oportunamente apropriada, um único dom é infundido pela ideia, por meio da Alma do Mundo.

[...] É preciso, portanto, saber quais e que espécies de matérias são ou da natureza, ou arte, iniciadas ou aperfeiçoadas, ou compostas de mais coisas, e que influências celestiais elas são capazes de receber. Pois uma congruência de coisas naturais é suficiente para o recebimento de influência do celestial; porque, quando nada impede os celestiais de enviar suas luzes aos inferiores, nenhuma matéria é privada de sua virtude. Daí o fato de toda matéria perfeita e pura ser passível de receber a influência celestial. Pois essa é a ligação e a continuidade da matéria à Alma do Mundo, que flui todos os dias para as coisas naturais, e todas as coisas que a natureza preparou, de modo que se torna impossível para uma matéria preparada não receber vida, ou uma forma mais nobre.^[15]

Além disso, a Alma do Mundo possui o poder divino precisamente como muitas razões seminais das coisas, como ideias da mente divina. Por essas razões seminais, ela cria o mesmo número de espécies materialmente. É por isso que cada única espécie corresponde através da própria razão seminal à própria ideia e através desta razão pode facilmente receber algo desta ideia – desde que realmente fora criada através da razão da ideia. É por isso que, se em algum momento, a espécie se degenera de sua forma apropriada, ela pode ser formada novamente através da razão como seu intermédio próximo e através da ideia como intermediário para então se reformar.^[16]

Se, então, o espírito, a vida são encontrados em todas as coisas e preenche toda a matéria em vários graus, então eles são o ato real e a real forma de todas as coisas. Portanto, a Alma do Mundo é o princípio constitutivo formal do universo, e de qualquer coisa que o universo inclua; quero dizer, se a vida é encontrada em todas as coisas, então a alma é a forma de todas as coisas; é o que controla a matéria em todos os aspectos e predomina nos compostos, opera a composição e a consistência das partes.^[17]

Todas essas ideias acerca da Alma do Mundo, nesse período do Renascimento, esboçaram diretamente para a obra de Eliphaz

[15] Cornélio Agrippa. TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA. Madras, 2009.

[16] Marsilio Ficino. DE VITA LIBRI TRES. 1576.

[17] Giordano Bruno, DE LA CAUSA, PRINCIPIO E UNO, DIÁLOGOS II E III; DE L'INFINITO UNIVERSO E MONDI, 1584, diálogo I.

Levi, como o *agente mágico universal*, que inspirou Fontenelle e o entendimento tradicional de Maioral na Quimbanda como este *agente mágico universal* e a própria Alma do Mundo, *cuja lei suprema é o equilíbrio e cuja direção está diretamente ligada com o grande arcano de magia transcendente. Pela direção deste agente pode-se mudar até a ordem das estações, produzir à noite os fenômenos do dia, corresponder num instante de uma extremidade à outra da Terra, ver como Apolônio o que se passa no outro lado do mundo, curar ou ferir a distância, dar à palavra sucesso e repercussão universais.*^[18]

A Quimbanda é a tradição de feitiçaria brasileira, portanto, que preservou e refinou o *grande arcano de magia transcendente*, a operação de magia, por meio do *agente mágico universal*.

Eliphas Levi é um simbolista notável e pretendo, nos ensaios subsequentes dessa série de *Quimbanda & Magia Cerimonial*, esclarecer os símbolos que ele esboçou acerca do *agente mágico universal* – bem como algumas passagens interessantes de Agrippa – nos termos práticos da Quimbanda. Por ora, voltemos à citação acima de Levi, acerca do Culto do Diabo e a criação mágica dentro do círculo e algumas noções de Agrippa, acerca da Alma do Mundo. Levi diz que para se estabelecer o Culto do Diabo é preciso acreditar no Diabo, ao passo que dentro do círculo mágico, o mago cria aquilo que afirma. Dessa forma, quem crê no Diabo e o afirma dentro do círculo mágico, cria o Diabo. Interessante que essa noção de criação mágica encontra ecos diretos em Agrippa, que apresenta a Alma do Mundo como a matéria fundamental, sobre a qual o mago imprime o que deseja criar. Essa ideia, que possibilitou a noção de espírito elementar, ou seja, um espírito criado pelo homem, a parte dos espíritos criados pelo intelecto divino e manifestados, material ou imaterialmente, por meio da Alma do Mundo. É a Alma do Mundo que possibilita a geração de todas as coisas, daí o termo reino da geração, associado a matéria ou natureza. A ação sobre a Alma do Mundo, portanto, que possibilita o exercício da magia. Em sua obra, *TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA*, Agrippa diz:

[18] Veja Eliphas Levi. *A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS*. Madrids, 2020.

Quando a Alma do Mundo, por sua virtude, torna todas as coisas naturalmente geradas ou artificialmente feitas frutíferas, infundindo nelas propriedades celestiais para o funcionamento de alguns efeitos sensoriais, então as coisas em si, não apenas aplicadas por sufumigações, colírios ou pomadas, ou poções, ou qualquer outro meio, mas também quando se encontram convenientemente envoltas ou amarradas ou penduradas no pescoço ou aplicadas de qualquer outra maneira, embora sem um contato fácil, imprimem sua virtude em nós. Por meio dessas ligações, portanto, suspensões, emplastos, aplicações e contatos, os acidentes do corpo e da mente são convertidos em doença, saúde, coragem, medo, tristeza, alegria e semelhantes: deixa seus portadores graciosos ou terríveis, aceitáveis ou rejeitados, honoráveis e amados, ou detestáveis e abomináveis.

Outras virtudes são atribuídas a Alma do Mundo por Agrippa, para concluirmos essa seção:

Heráclito chama o Sol de fonte de luz celestial; e muitos dos platônicos colocam a Alma do Mundo de modo particular no Sol, como se aquilo que preenche todo o globo do Sol e envia seus raios para todos os lados fosse um espírito permeando todas as coisas, distribuindo vida, sentido e movimento ao próprio Universo.

[...] Pois o que mais parecem indicar [...] senão que o mundo não só tem uma alma espiritual, mas também participa da Mente Divina, e que a virtude original e o vigor de todas as coisas inferiores dependem da Alma do Mundo? Assim proclamam e confirmam todos os platônicos, pitagóricos, bem como Orfeu, Trismegisto, Aristóteles e todos os peripatéticos.

[...] A Alma do Mundo, portanto, é uma coisa única e certa, que preenche todas as coisas, agracia todas as coisas, une e aproxima todas as coisas, formando assim uma estrutura do mundo, sendo como um instrumento de muitas cordas, mas com um som oriundo das três espécies de criaturas, intelectuais, celestiais e incorruptíveis, e com um único respiro e uma única vida. Pode-se acrescentar ainda que na Alma do Mundo podem existir tantas formas seminais quantas são as ideias na mente de Deus, formas por meio das quais ela criou no firmamento acima das estrelas figuras, e imprimiu nelas algumas propriedades; dessas estrelas, portanto, dependem as figuras e propriedades, todas as virtudes de espécie inferior, bem como suas propriedades; e assim, cada espécie tem sua forma ou figura celeste a ela apropriada, de onde também procede um maravilhoso poder de operar, dom recebido de sua própria ideia, por meio das formas seminais da Alma do Mundo.

Então, discordando dos umbandistas e *kimbandas* de pouco estudo, que afirmam que Fontenelle não tinha noção do que estava fazendo ao basear-se em Eliphaz Levi, digo que ele tinha plena consciência dos símbolos aos quais recorreu para construir a noção que hoje temos de Quimbanda. O seu trabalho deve ser reverenciado, não caluniado, pois foi o homem que alinhou a Quimbanda com a Tradição Oculta da Magia no Ocidente. É Maioral iconizado na forma de Baphomet, a ponte ou ponto de conexão entre a Quimbanda e a Tradição Oculta da Magia.

Esse é um entendimento técnico, segundo a tradição literária da Quimbanda, do Chefe Império Maioral e suas falanges de *diabos*, os Exus e as Pombagiras. A partir de tecnologias mágicas, como o sacrifício animal, as oferendas e *despachos*, os feitiços, pós, filtros, poções e moradas de espíritos, a Quimbanda preservou, refinou e desenvolveu uma mecânica e estrutura particular no seu trabalho mágico sobre a Alma do Mundo, o *agente mágico universal*, a *luz astral*. Esse é o Grande Arcano da Magia, demonstrado por Eliphaz Levi e que foi preservado na Quimbanda, o trabalho da vontade do mago sobre esse ambiente mágico-gerador, de modo que seus padrões sejam modificados por meio da manipulação de bases materiais. E Quimbanda é necromancia! Ao poder da vontade do mago, associam-se a ações dos espíritos dos mortos, os Exus e Pombagiras, especialistas na arte da magia negra.



A Quimbanda é, portanto, um culto mágico. Seu interesse é aperfeiçoar a arte da magia. O seu campo de ação, a sua especialidade é manipular a *luz astral*. Por esse motivo, Maioral ou Baphomet é o símbolo mais importante da Quimbanda, porque ele norteia todo o caminho do *kimbanda*, um caminho de magia que exige dedicação total no aperfeiçoamento da arte de fazer magia.

Se todos os Exus-Diabos e o próprio Chefe Império Maioral são referidos por Fontenelle, como o *agente mágico universal* que é a Alma do Mundo, como vimos, deixa uma reflexão final de D.P. Walker:

Os demônios são fundamentalmente planetários, muito embora também sejam supercelestiais e elementais. Eles têm alma e corpo etéreo ou aéreo, de acordo com suas classificações; estes corpos são da mesma natureza que a alma humana. Demônios planetários são como homens sem corpo físico e que vivem em esferas celestiais. Eles desempenham a função de transmitir as influências celestiais; eles podem, sendo tanto alma quanto espírito, agir sobre o espírito e a alma do homem. A hierarquia neoplatônica de demônios é idêntica a hierarquia angélica cristã. Um anjo da guarda é o mesmo que um demônio planetário familiar.^[19] Existem demônios malignos, de hierarquia inferior e de corpo aéreo, que causam problemas no espírito e imaginação do homem. Considerados como mediadores planetários inferiores, os demônios são exatamente equivalentes a própria Alma do Mundo, a única e crucial diferença é que os primeiros são indivíduos, a segunda é impessoal, a todos acessível.^[20]

Táta Nganga Kamuxinzela Mestre de Quimbanda Nãgô e Quimbanda Mussurumin Cova de Cipriano Feiticeiro

[19] N.T. Eu venho falando disso enfaticamente no DAEMONIUM (Vol. I).

[20] D.P. Walker. SPIRITUAL & DEMONIC MAGIC: FROM FICCINO TO CAMPANELLA. Penn State Press, 2003.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Quimbanda & Magia Cerimonial: A Faca de Cabo Preto de Salomão & a Faca Preta do Kimbanda

Nas edições anteriores mencionei que a Quimbanda é a *goécia brasileira*, e no contexto esclareci a diferença entre a goécia grega e sua reinterpretação cristã, a goécia salomônica,^[1] para uma compreensão da Quimbanda como um exercício de goécia, no ambiente da cultura brasileira. Como *exercício* de goécia, destaquei a importância de um estilo de vida *daimônico*, ou seja, a visão animada da realidade, a consciência da miríade de espíritos que se encontram no cosmos, ao nosso redor e que é possível, ao mago habilidoso, comunicar-se com eles através dos fundamentos da feitiçaria e da paranormalidade pessoal, o que chamamos de desenvolvimento da mediunidade.

Quimbanda é tanto goécia quanto o que se conveniu chamar de necromancia, que é o trabalho de comunicação com os espíritos dos mortos para fins de magia ou divinação. Sendo goécia e necromancia, a Quimbanda está muito próxima do exercício de feitiçaria que encontramos nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS,^[2] na Antiguidade e da feitiçaria dos grimórios no Medievo - mais especificamente àqueles que lidam com o que se conveniu chamar de magia

demoníaca. Então, desde o fim da Antiguidade e Idade Média, a necromancia esteve relacionada a uma arte de magia sombria, proscrita, recriminada e, às vezes, essencialmente demoníaca.

No contexto dos grimórios medievais, dois tipos distintos de magia ritual eram conhecidos: magia angélica e magia demoníaca. A típica parafernália ritualística, da magia demoníaca, consistia na utilização de círculos mágicos, sacrifício de animais, o uso de metalinguagem na forma escrita ou verbal de caracteres ou alfabetos mágicos, fumigações, evocações, imprecções vigorosas, etc. Esse gênero de magia ritual, foi referido como necromancia ou uma corruptela desenvolvida especialmente nesse período medieval: *nigromancia*,^[3] cujo entendimento fazia relação com a prática da *magia negra* e a comunicação com demônios.

Os efeitos que os magos buscavam, com o exercício da *nigromancia* ou magia demoníaca, eram baseados em emoções rancorosas ou desejos mesquinhos: causar doença, prejuízo financeiro ou deformidade física em um desafeto, manipulação de emoções para despertar afeto, desejo sexual e união amorosa entre duas pessoas ou a coerção sexual de uma mulher, para que se submeta ao operador passivamente. Para que o mago pudesse conquistar seus objetivos, a magia demoníaca consistia na evocação

[1] Para uma introdução concisa acerca da transição da goécia grega para salomônica veja Humberto Maggi. GOETIA: TEORIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2021. Sobre a goécia grega veja Sarah Iles Johnston. RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE. University of California Press, 1999.

[2] Para uma introdução concisa sobre os PAPIROS MÁGICOS GREGOS e sua relação com a macumba brasileira veja DAEMONIUM (Vol. II) ou o Suplemento de Estudo da *Revista Nganga* disponível no site da Quimbanda Nàgô no Brasil.

[3] Pelo fato de que o termo necromancia nem sempre faz relação direta ao tratamento ou comunicação com demônios.

de demônios por meio de procedimentos rituais, os quais deveriam ser forçados a obedecer aos requerimentos do operador, após serem convocados e aprisionados, não apenas pela vontade do mago, mas, também, em virtude dos poderes de espíritos superiores (anjos, Jesus Cristo ou o próprio Deus). Essas forças superiores, convocadas em um ritual de magia demoníaca, só possuem essa finalidade: conter e dar direção ao poder dos demônios, contrastando-a com a magia angélica.^[4]

Após o *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil, no contexto da *incursão diabólica*, que estamos estudando nestes ensaios da *Revista Nganga*, quando os Exus foram sincretizados com os demônios do GRIMORIUM VERUM, a Quimbanda foi associada ou classificada também como *magia negra*, *baixa magia* ou *magia demoníaca* e, da mesma forma que a *nigromancia* medieval, os motivos pelos quais os kimbandas são procurados hoje, permanecem os mesmos da magia demoníaca: magia amatória (amor, paixão, dominação sexual, amarração etc.), vingança, traição, dor e prejuízo. A partir desse *segundo momento* e por meio de um ocultista brasileiro chamado Aluízio Fontenelle (1913-1952), i. a Quimbanda foi inserida na Tradição Oculta Ocidental e; ii. Exu como uma figura diabólica, cristalizou-se no imaginário brasileiro.^[5]

A magia angélica medieval, por outro lado, era muito mais simples em execução e representou uma transição ou sutillização dos aspectos mais baixos da magia demoníaca. Fundamentalmente psiúrgica, a magia angélica agregou um amplo conjunto de símbolos místico-devocionais.^[6] Dois

textos que se enquadram nessa categoria de magia angélica são o *ARS NOTORIA* (*a arte notória*) e o *LIVRO JURADO DE HONÓRIO*. Nesses dois grimórios, a intenção do operador é obter visões celestes, conhecimento espiritual e secular divinamente inspirado, como é o caso do *ARS NOTORIA*, que propõem a obtenção das ciências que compõem as sete artes liberais e, como um efeito colateral, da jornada mística que estes escritos propunham, um aumento e o refinamento das capacidades intelectuais: memória, eloquência, compreensão de cosmos etc. Os teólogos ortodoxos defenderam a perspectiva que textos de magia angélica – com menos frequência que os grimórios de magia demoníaca – eram também inspirados por demônios, não anjos como alegavam. Mas, independente disso, os grimórios de magia angélica, por si mesmos e seus experimentadores, eram classificados como sagrados, pois nada de bom poderia acontecer com alguém que se metia com demônios. Por esse motivo, os espíritos dos grimórios de magia angélica, eram considerados benignos e agiam em acordo a vontade de Deus.

Ao invés de utilizarem tecnologias cerimoniais como o círculo mágico, sacrifícios, convocações e aprisionamento de espíritos – como àquelas utilizadas na magia demoníaca – as cerimônias de magia angélica envolviam longas orações a Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, o coro de anjos e outros seres benignos. Essas orações eram elaboradas a partir de metáforas bíblicas, para garantir que o operador pudesse adquirir visões beatíficas e conhecimento inspirado. Todas essas orações da magia angélica envolviam uma severa disciplina, requerida ao resultado bem sucedido das operações: jejuns, silêncio e contemplação, o consumo do sacramento da missa e da confissão, etc. Então, a magia angélica dos grimórios dependia de um apurado senso religioso e o desenvolvimento de uma profunda devo-

[4] Veja meu ensaio *A Goécia de Abramelin* em *DAEMONIUM* (Vol. II). Clube de Autores, 2022. Neste ensaio eu demonstro como a magia demoníaca está oculta ou implícita na operação do Sagrado Anjo Guardião.

[5] Para contextualização dessas afirmações, leia os ensaios anteriores da *Revista Nganga*.

[6] *Psicurgia* é um termo cunhado por Antine Fabre d'Olivet (1767-1825) inspirado na teurgia clássica grega, a partir da junção de duas palavras: *psikhé* (alma) e *urgia* (ação). *Psicurgia* é então a ação (vontade/volição) da alma humana (e todos os seus complexos) na intenção de controlar as forças psíquicas que nos circundam. Papus (1865-1916) reutilizou o termo em seus escritos, definindo *psicurgia* como: *a arte de lidar com as forças psíquicas ou anímicas do homem, a ciência que é sua contraparte é chamada*

hoje de psicologia; os antigos o levaram a desenvolvimentos muito profundos. Psicurgia é i. o trabalho sobre a alma, a edificação da catedral mística, a construção do templo da alma, definindo seus padrões; ii. a projeção da vontade psíquica. Não existe magia sem psicurgia, mas é possível existir psicurgia sem magia.

ção, dentro de um contexto místico.

A magia demoníaca, portanto, estava destinada àqueles cujos interesses eram puramente materiais, pois seu objetivo é o domínio sobre o plano da matéria, em todos os ambientes da vida secular – e, por isso, eles lidam com demônios e seus parentes modernos, textos como o GRIMORIUM VERUM, lidam com a própria figura do Diabo. Os nigromantes, dos grimórios demoníacos, esperavam que a magia funcionasse de modo a alterar definitivamente a realidade material em seu entorno. A magia demoníaca ou necromântica, dos primeiros grimórios medievais, não estava destinada, portanto, àqueles cujos objetivos eram místicos ou teúrgicos; estes tinham duas opções: operar através da magia angé-

lica ou apenas participar dos sacramentos da igreja.

Essas duas visões mágicas influenciaram profundamente a identidade mágica do povo brasileiro. A *incursão diabólica*, que ocorreu no *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil, vinculou definitivamente a Quimbanda à magia demoníaca dos grimórios, inserindo-a no contexto da Tradição Oculta do Ocidente. Inúmeras relações podem ser estabelecidas entre os procedimentos ou fundamentos da magia demoníaca dos grimórios e àqueles praticados ou utilizados pelos kimbandas brasileiros. Nesse ensaio, vamos nos debruçar brevemente sobre a faca salomônica de cabo preto, que aparece na CLAVÍCULA DE SALOMÃO e a faca preta da Quimbanda.



A FACA DE CABO PRETO DE SALOMÃO & A

FACA PRETA DO KIMBANDA

Na CLAVÍCULA DE SALOMÃO (liv. III, cap. 8), encontramos a instrução para confecção da faca de cabo preto, cujo objetivo é traçar o círculo mágico e infundir terror e medo em espíritos inferiores irascíveis. Venho falando sobre essa passagem, em vídeos antigos no YouTube desde 2016, explicando que o medo que a faca de cabo preto causa nos espíritos, ou seja, aos demônios convocados, tem uma única razão: os espíritos reconhecem nela, nas memórias que ela carrega, as vidas que a faca já imolou. A faca é utilizada em sacrifícios, já matou muitas vezes, por isso, ela tem o poder e autoridade mágica de paralisar a fúria dos demônios.

No que concerne à faca de cabo preto para fazer o círculo e com o que se infunde terror e medo aos espíritos, deve fazer da mesma maneira, exceto que deve ser feito no dia e na hora de Saturno e colocada em sangue de gato preto e suco de cicuta (abeto), os caracteres e nomes da figura, escritos da ponta para o cabo.^[7]

Um dos arcanos, que envolvem a ação sacerdotal do sacrifício propiciatório, é a *transferência de vida*; é esse o mistério que faz com que a vida nasça da morte. O condutor dessa vida é o sangue que anima o coração do animal. Trata-se de um veículo que carrega a própria vida do animal imolado e que é transferida a um instrumento mágico, que está sendo consagrado e carregado com suas virtudes particulares. Através do procedimento ritual, o mago desperta o elemento de vida dentro do sangue animal, conduzindo toda a sua força de vida para o elemento que está sendo consagrado e imantado. Neste caso, a faca de cabo preto.

O gato preto, demonizado por ser con-

siderado um espírito familiar das bruxas e feiticeiras no período da grande caçada, é um animal envolto em mistérios desde, pelo menos, os mitos egípcios, onde foi associado à expulsão (ou susto) de espíritos malfezjos (*afrits*), no culto a deusa Bast. Ágil caçador, esse felino foi associado também a espíritos lunares, na CHAVE DE SALOMÃO. Por conta de suas virtudes, ele é utilizado para sacralizar a faca salomônica de cabo preto, transferindo a ela sua própria vida e, portanto, as virtudes selvagens que carrega. De igual modo, a cicuta (*Cicuta maculata*) é uma planta apiácea venenosa, associada a saturno. No dia e hora de Saturno, na Lua Crescente ou Cheia, quando Marte estiver no signo de Áries ou Escorpião, o mago deve consagrar e carregar a faca em um preparado a base de cicuta e sangue de gato. A lâmina deve ser temperada nesse preparado ou pelo menos resfriada nele, três vezes seguidas. Uma vez que essa etapa esteja completa, o mago grava na faca, com buril, as palavras e caracteres mágicos indicados no grimório, realiza mais alguns procedimentos de consagração e a guarda, envolta em um pano de seda preta. Efetivamente, trata-se de uma arma mágica saturnina, consagrada à convocação e constrição de espíritos telúricos violentos, irascíveis e animais: os demônios. É uma ferramenta genuinamente goética, que projeta uma força mágica saturnina de autoridade coerciva.

Um dos aspectos mais importantes da consagração e imantação da faca de cabo preto é a posição de Marte em Áries ou Escorpião. Essas são conjunções astrológicas adequadas ao exercício da *magia negra*: vingança, destruição, guerra, imposição de força e coerção mágica. Na magia salomônica, essa faca saturnina é utilizada junto a espada marcial. Saturno e Marte são os planetas que aparecem no Selo de Salomão, no LEMEGETON, cujo objetivo de uso é compelir os demônios a autoridade do mago. Na astrologia tradicional, Saturno e Marte são os planetas mais perigosos que existem. Juntos, eles representam uma autoridade mágica de força (marcial) e constrição

[7] A CHAVE DE SALOMÃO O REI. Livro III, Capítulo 8. Traduzida para o inglês por S.L. MacGregor Mathers, 1889. Tradução em português anônima disponível na internet.

(saturnina). Enquanto Cronos (Saturno), é o mais velho dos deuses e sua autoridade é ancestral, Marte é o poder da guerra, conquista bélico-militar e subjugação dos inimigos. Essas duas forças representam virtudes invocadas na goécia, para o mago convocar e subjugar os demônios.

Na Quimbanda existe um fundamento de faca muito semelhante a esta faca saturnina salomônica: a faca preta, associada ao trabalho do Reino das Trevas. Como visto anteriormente,^[8] o Reino das Trevas representa àquela etapa no desenvolvimento da consciência humana e do planeta, quando o homem descobriu que poderia usar a magia para sobreviver em meio as intempéries da matéria e ao caos da convivência social. Foi com o desenvolvimento do Reino das Trevas que o homem descobriu, efetivamente, o poder visceral e bestial da Natureza, humana e cósmica. Na cosmovisão da Quimbanda Nàgô, a magia, para fins de ataque e defesa, nasceu no Reino das Trevas.

A faca preta é utilizada nos trabalhos mais obscuros da Quimbanda, possibilitando acesso mágico a força espiritual de todo o Povo das Trevas. Na sua consagração a faca preta é despertada, conjurada e alimentada. Em reverência ao seu poder, são feitas oferendas ao Povo das Trevas e sacrifícios propiciatórios. Um galo índio, com esporas avantajadas, é imolado na consagração e imantação da faca que, após consagrada e imantada, será carregada com um fundamento de morte, obsessão, dor, maldade e sofrimento. Assim como a faca salomônica de cabo preto, a faca preta da Quimbanda também é guardada secretamente, envolta em um pano de seda preta.

Na foto ao lado, o Exu Tranca Ruas de Embaré consagra uma faca preta para um kimbanda da família *Cova de Cipriano Feiticeiro*. Este Tranca Ruas é um mago europeu, conhecedor de astrologia, alquimia, magia ritual e artes liberais. A faca dele, nos seus pés sobre o fundamento consagrado, foi forjada segundo suas instruções em uma Lua Minguante em Escorpião, quando Marte estava em Áries, no dia e hora de Sa-

turno. A faca foi temperada em uma mistura de dois compostos de ervas saturninas e marciais, o primeiro com ervas maceradas em água de mangue e o segundo com ervas maceradas em água de enchente. Ambos os compostos, que nós chamamos de omieró, receberam sangue de dois galos índios. Quando recebida do cuteleiro, que seguiu a risca as instruções do Exu Tranca Ruas de Embaré, a faca passou por consagração e imantação no mesmo fundamento de morte que a faca preta recebe.

Como podemos observar, a feitiçaria é uma prática universal, mudando pouca coisa de cultura para cultura. Tanto a faca salomônica de cabo preto, quanto a faca preta da Quimbanda, têm fundamentos similares, usadas em circunstâncias também similares, separadas no tempo e espaço. E na atuação de alguns espíritos, como o Tranca Ruas de Embaré, os procedimentos da Quimbanda podem se alinhar àqueles da feitiçaria dos grimórios salomônicos.



Tática Nganga Kamuxinzela
Mestre de Quimbanda Nàgô e
Quimbanda Mussurumin
Cova de Cipriano Feiticeiro

[8] Revista Nganga No. 5.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

A Morte do Feiticeiro Branco na Quimbanda Brasileira

INTRODUÇÃO



As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por profundas transformações na cultura religiosa afro-brasileira, transformações essas que acompanharam as mudanças de âmbito social, político e econômico do Brasil. O governo de Getúlio Vargas, que se posicionou contra as grandes oligarquias cafeeiras, apostava na criação de uma identidade genuinamente brasileira, formada a partir das raízes de três troncos étnicos: europeus, ameríndios e africanos. O símbolo dessa identidade brasileira veio a ser o estereótipo do *mestiço*, que carregava o sangue miscigenado dessas três

etnias.^[1] Nathália Fernandes, acadêmica historiadora da UFF, com especialização na área de repressão policial às religiões de matriz afro-brasileira, no período do Estado Novo, diz:

[...] ao longo de toda década de 1930 – e parte da década de 1940 –, o estado brasileiro se empenhou na ampla difusão da ideia de que a singularidade do povo brasileiro consistia em sua composição étnica diversa, ou seja, presença histórica do branco, do negro e do índio em um mesmo corpo social. Dessa maneira, o processo de construção da identidade nacional brasileira, nesse período, é fundamentado nos conceitos de mestiçagem e miscigenação. O encontro dessas três etnias teria como resultado o surgimento de uma rica diversidade de hábitos, costumes, crenças, religiosidades, festividades, entre outros elementos culturais que formavam nossa cultura nacional.^[2]

Mas, embora o governo de Getúlio Vargas incentivasse a produção intelectual sobre esse entendimento de identidade brasileira, o código penal que vigorava naquele período ainda era àquele promulgado em 1890, que criminalizava as práticas mágicas dos cultos afro-brasileiros, na época discriminados pelos termos pejorativos de *espiritismo* e *macumba*, como veremos. O artigo 157 do código penal dizia:

[1] A Umbanda elegeu, a partir da construção de sua identidade como religião brasileira nos primeiros anos do Séc. XX, o *caboclo* como símbolo dessa mestiçagem. No entanto, antes disso, a Macumba como um conjunto de práticas de integração cultural, no fim do Séc. XIX, já refletia essa *mestiçagem* e miscigenação cultural, como veremos.

[2] Nathália Fernandes. *Legitimação e Construção da Identidade Brasileira*. Em Leal de Souza. O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA. Aruanda, 2019.

Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:

Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Se por influência, ou em consequência por qualquer um destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporária ou permanente das faculdades psíquicas:

Penas – de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000.

O código penal de 1890 refletia as necessidades da sociedade daquele período pós-abolição da escravatura e proclamação da República, e no que concerne a repreensão da prática da magia nele, como vimos no código penal de 1890 acima, é o resultado das preocupações das grandes oligarquias, políticos e classe alta no período do Segundo Império, que não só temiam verdadeiramente a ação de feiticeiros,^[3] como o celebrado Juca Rosa, o *chefe das macumbas*, vulgo *feiticeiro negro*, como foi notoriamente conhecido no fim do Séc. XIX, mas também se valiam largamente de seus serviços.

[...] Vários tipos de documentos da época nos ajudaram a demonstrar, no entanto, que a crença no feitiço, no Império do Brasil, assim como na República, perpassava todas as classes sociais.

[...] A crença no poder dos feitiços era compartilhada por autoridades policiais e políticas, fossem elas do Estado colonial português, fossem do Império do Brasil, respectivamente. Tais autoridades reprimiam o que chamavam de «prenúncios de catástrofes», produzindo documentação oficial, uma vez que acreditavam no poder da magia e da feitiçaria nas ações dos escravos e libertos que poderiam lhes causar malefícios. No Império, curadores, pajés, feiticeiros, jesuítas e benzedores continuaram a serem figuras proeminentes nas artes de curar pessoas.^[4]

Diferente do código penal de 1890, o período do Segundo Império foi condescendente com o exercício da feitiçaria. Não era crime praticar magia ou mesmo acusar alguém de praticar magia ou provocar infortúnios por

[3] Para entender esse contexto veja Diamantino Fernandes Trindade. FEITICEIROS E FEITIÇARIA NO SEGUNDO IMPÉRIO DO BRASIL. Editora do Conhecimento, 2019.

[4] Diamantino Fernandes Trindade. FEITICEIROS E FEITIÇARIA NO SEGUNDO IMPÉRIO DO BRASIL. Editora do Conhecimento, 2019.

meio dela. Mesmo assim, o Estado Imperial Brasileiro tentou criar mecanismos para regular o exercício da feitiçaria. No código penal de 1830, o primeiro exclusivamente brasileiro, as palavras magia e feitiçaria sequer aparecem. Sobre os cultos religiosos, ele diz:

Manda executar o Código Criminal

Dom Pedro, por graça de Deus, e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpétuo do Brazil: Fazemos saber a todos os Nossos súditos, que a Assembleia Geral decretou, e Nós queremos a Lei seguinte.

CÓDIGO CRIMINAL DO IMPÉRIO DO
BRAZIL
PARTE QUARTA
Dos crimes policiais

CAPÍTULO I
OFENSAS DA RELIGIÃO, DA MORAL,
E BONS COSTUMES

Art. 276. Celebrar em casa, ou edifício, que tenha alguma forma exterior de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião, que não seja a do Estado.

Penas – de serem dispersos pelo Juiz de Paz os que estiverem reunidos para o culto; da demolição da forma exterior; e de multa de dois a doze mil réis, que pagará cada um.

Em detrimento dessa postura flexível, houve uma grande proliferação das casas de Macumba e Candomblé no fim do Séc. XIX. Juca Rosa atendia no bairro chamado de Pequena África, no Rio de Janeiro, quando abriu um terreiro após voltar de viagens à Bahia, provavelmente para se especializar ou, como dizemos na Quimbanda, *pegar fundamentos*. Seu terreiro era dentro de uma pequenina vila na Rua do Núncio.

Em 1845, novos decretos restringiam a prática da feitiçaria com multa de trinta mil réis e prisão de quinze dias. Caso o praticante fosse cativo seria castigado com chicote ou vara. E, finalmente, em 1890, Manoel Deodoro da Fonseca promulga o código penal que criminalizava a magia. A criminalização da prática de feitiçaria, no código penal de 1830, foi o efeito colateral da grande proliferação de feiticeiros e curandeiros da Macumba e de terreiros de Candomblé no Rio de Janeiro e São Paulo.

João do Rio (1881-1921), jornalista, cro-

nista e teatrólogo brasileiro, em sua obra *AS RELIGIÕES DO RIO*,^[5] tece algumas palavras sobre os feiticeiros da Macumba por volta de 1900:

Nós dependemos do feitiço. Não é paradoxo, é a verdade de uma observação longa e doloroso. Há no Rio magos estranhos que conhecem a alquimia e os filtros encantados, como nas mágicas de teatro, há espíritos que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigíveis voltarem ao tálamo conjugal, há bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dois corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutível valor do Feitiço. O misterioso preparo dos negros.

[...] Os feiticeiros formigam no Rio, espalhados por toda cidade, do cais à Estrada de Santa Cruz. Os pretos, alufás ou orixás, degeneram o maometismo e o catolicismo no pavor dos *aligenum*, espíritos maus, e do Exu, o diabo, e a lista para os que praticam para o público não acaba mais.

[...] As pessoas eminentes não deixam, entretanto, de ir ouvi-los às baiucas infectas, porque os feiticeiros que podem dar riqueza, palácios e eternidade, que mudam a distancia, com uma simples mistura de sangue e de ervas, a existência humana, moram em casinholas sórdidas, de onde emana um nauseabundo cheiro.

[...] A pouco tempo estava relacionado com Exu, a que se sacrifica no começo das funçanatas. [...] Os pretos odeiam-se intimamente, formam partidos de feiticeiros africanos contra feiticeiros brasileiros, e empregam todos os meios inimagináveis para afundar os mais conhecidos. [...] Há feitiços de todos os matizes, feitiços lúgubres, poéticos, risonhos, sinistros. O feiticeiro joga com Amor, a Vida, o Dinheiro e a Morte, [...] e afetam intimidades superiores, colocando-se logo na alta política, no clero e na magistratura.

[...] Os trabalhos dessa espécie fazem-se na roça, com orações e grandes matanças. Precisa a gente passar noites e noites a fio diante do fogareiro, com o tessebá na mão, a rezar. Depois se matam os animais, às vezes um boi que representa a pessoa e é logo enterrado. Garanto-lhe que dias depois o espírito vem dizer ao feiticeiro a doença da pessoa.

[...] Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua ciência é *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO*. Os maiores alufás, os mais complicados pais de santo, têm escondida entre as tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do *SÃO CIPRIANO*. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais os negros soletam o *SÃO CIPRIANO*, à luz dos dandeeiros.

Esse relatório de João do Rio, acerca das atividades dos feiticeiros da Macumba, os quimbandas, como veremos na próxima seção, revela aspectos importantes a serem elucidados nesse ensaio, os quais enumero:

1. A existência de feiticeiros, note: indivíduos que atendiam segundo seus conhecimentos da arte de fazer magia. A Macumba, portanto, caracteriza-se efetivamente pelo trabalho individual e pelo conhecimento possuído pelo feiticeiro, não se tratando, assim, de um movimento organizado ou sistemático de práticas. Mas, tão somente da ação individual do feiticeiro. A macumba reflete esse mínimo de unidade cultural necessário à solidariedade dos homens em face de um mundo que não lhes traz senão insegurança, desordem e mobilidade. [...] A macumba, que já não é retida por uma memória coletiva estruturada, embora permanecendo em grupo, se individualiza.^[6]
2. Os feiticeiros espalhavam-se por todo Rio de Janeiro, do centro até as margens com o interior do Estado; seu trabalho miscigenava catolicismo popular, maometismo, magia europeia e pajelança cabocla. O elemento central da prática era Exu, o Diabo. Arthur Ramos definiu a macumba pelo sincretismo entre os cultos africanos ameríndios, católicos e espíritas. É mister acrescentar que os elementos africanos eram heterogêneos. Quando traçamos o mapa da geografia religiosa do Brasil, vimos que existiu, no começo do século XX, no Rio, duas «nações» – a «nação» ioruba, que adorava os orixás, e a «nação» banto, cujo culto conhecemos pelo nome de *cabula*. A macumba é, a princípio, a introdução de certos orixás e de certos ritos ioruba, na *cabula*.^[7]

[6] Roger Bastide. *AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL* (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960. Interessante que nessa passagem o autor em linhas gerais já classifica a Macumba, a raiz da Quimbanda, como uma religião mágica, cujos propósitos práticos e últimos se concentram na ação da magia para fins seculares.

[7] Roger Bastide. *AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL* (Vol. 2).

[5] João do Rio. *AS RELIGIÕES DO RIO*. Nova Aguilar, 1976.

3. Os feiticeiros eram procurados por todo tipo de gente, das classes pobres as classes ricas, políticos e juizes. Eles podiam fazer prosperar ou falir um negócio, uma família, um empreendimento. Juca Rosa, por exemplo, por volta de 1870 era conhecido por provocar paixões, tirar a potência sexual de um varão, fazer qualquer um adoecer e sucumbir a todo tipo de adversidades. Os periódicos da época o chamavam de «feiticeiro negro». Era tema de matérias jornalísticas em função de seu envolvimento com prostitutas, costureiras, mulheres pobres e negras, senhoras brancas e casadas oriundas de famílias importantes na vida política da corte. A maioria de seus seguidores eram mulheres atraídas pelos seus atrativos e olhar penetrante. Estava sempre bem vestido e usava joias caras. Além dos escravos e negros libertos, muita gente importante o seguia como: políticos, comerciantes, membros da elite social da sociedade e seus ritos e festas reuniam, em sua casa, essa gente que ia a busca de seus conselhos e curas.^[8]
4. Os feiticeiros atendiam em locais pequenos, casinhas que possuíam mau cheiro devido à decomposição dos feitiços, defumações etc. Alguns feiticeiros como Juca Rosa possuíam ajudantes, como veremos a frente, e possuíam condições de atender mais pessoas e fazer comemorações, matanças.
5. Os feiticeiros competiam entre si, africanos contra brasileiros, em princípio. Esse tipo de combate, no futuro, nortearia a função de existir da Quimbanda.
6. Trabalhos com grandes matanças, como o relato do sacrifício de um boi, eram feitos em áreas rurais, as margens com o interior do Estado.
7. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO foi um elemento fundamental de uso dos feiticeiros da Macumba, trazendo para o

Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

[8] Diamantino Fernandes Trindade. A HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL (VOL. 9): NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA. Editora do Conhecimento, 2018.

seu exercício de feitiçaria a influência do Ocultismo europeu.

Poderia ainda incluir nessa lista o fato de que muitos estrangeiros se tornavam também chefes da Macumba. *O mulato, o branco brasileiro e finalmente, o estrangeiro, logo acabam se tornando Embandas, na ideia de assim conseguirem fortuna com mais facilidade: o terreiro de Oxum é dirigido por um moço, filho de imigrante italiano, Fernandes Copolillo, ajudado por uma «mãezinha» negra vinda, da Bahia e uma libanesa, Judith Kallile, que trabalhou as ordens do caboclo Jurema num terreiro do subúrbio de Ramos.*^[9]

Todos esses pontos acima já definiam os contornos que a Quimbanda teria no futuro. Em um conto intitulado *Magia Negra*, publicado na *Revista da Semana*, em 22 de março de 1930,^[10] o romancista e notório membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Aurélio Pinheiro (1882-1938), conta a história de Baptista, um português caucasiano que lutou com todas as forças para se tornar um feiticeiro da Macumba. A história é baseada em fatos! Em um excerto interessante do conto, Baptista, ainda só frequentador da Macumba, diz:

Vou à macumba para ver se me livro da má sorte. Certa gente nega que em torno de cada criatura existe um fluído permanente, misterioso, imponderável, que a protege carinhosamente ou que a tormenta a vida inteira. Ora, meu caro, esse fluído – que é o bom ou mau espírito para os espíritas, a influência astral para os astrólogos, a auréola magnética para os sacerdotes da Kabala – existe incontestavelmente. Você não tem encontrado por aí indivíduos repugnantes, nocivos, indignos, que sobem e são felizes? E não tem visto pessoas bondosas, crentes, honestas, que vivem desgraçadamente? Pois isso é uma simples questão de fluído, a auréola magnética. Nada Mais.^[11]

[9] Roger Bastide. AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL (VOL. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

[10] Conto de Aurélio Pinheiro, *Magia Negra*. Reproduzido na íntegra em Diamantino Fernandes Trindade. A HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL (VOL. 9): NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA. Editora do Conhecimento, 2018.

[11] É interessante que o personagem Baptista fale do fluído magnético que se trata do agente mágico universal ou grande arcano da magia, a Luz Astral de Eliphas Levi e o Maioral da Quimbanda, vinte anos antes das obras de Aluizio Fontenelle (1913-1952). Veja o ensaio *Quimbanda & Magia Cerimonial: O Baphomet de Eliphas Levi & o Maioral da Quimbanda*. Nesta edição.

Baptista conseguiria, no período de um ano, tornar-se um feiticeiro da Macumba, que atendia isolado em um casebre na mata e, teve como ajudante principal uma ex-escrava, a qual se relacionava. A história de Baptista, conta a jornada de todo neófito que aspira tornar-se um feiticeiro e é, por deveras, interessante àqueles que buscam conhecer as raízes da Quimbanda.

Em 1930 o Brasil era um país muito diferente. Em três décadas deixamos de ser uma economia baseada na agricultura e nos tornamos uma sociedade industrializada com objetivos de inserção econômica no mercado internacional. Com a industrialização intensa formou-se evidentemente a classe operária, o que diversificou toda a sociedade brasileira, intensificando o movimento do homem do campo em direção as metrópoles. Foi, neste contexto de transformações sociais intensas na economia, na cultura e religião afro-brasileira, entre as décadas de 1930 e 1950, que a Quimbanda é germinada, nas palavras de Nathália Fernandes, dentro de *uma rica diversidade de hábitos, costumes, crenças, religiosidades, festividades*,^[12] como um culto organizado, resultado direto da busca por validação social, que a Umbanda desejava construir. Antes disso, *kimbanda* era um termo associado a um indivíduo cujas práticas mágicas se orientavam ao redor de Exu.^[13] Não havia um sistema coeso de desenvolvimento, mas um conjunto associado de práticas sincréticas que pouco a pouco ganhou e assumiu o nome de Macumba. Mas, para compreendermos a dimensão dessa gênese da Quimbanda, no que conveniei chamar de *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil, precisamos voltar um pouco no tempo, bem no fim do Séc. XIX, ainda no *primeiro momento*.^[14]

[12] Nathália Fernandes. *Legitimação e Construção da Identidade Brasileira*. Em Leal de Souza. O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA. Aruanda, 2019.

[13] O termo *kimbanda* no Brasil evoluiu com o tempo. Primeiro ele significou o trabalho pessoal de um indivíduo, o curador, rezador, feiticeiro ou macumbeiro. Em seguida, na década de 1940 o termo *kimbanda* passa a designar um ritual dentro da Umbanda e, também, uma *t* com espíritos sombrios. A partir da década de 1950 o termo *kimbanda* passa a designar um sistema, um conjunto de práticas que conformaram uma tradição mágica.

[14] Nas edições anteriores da *Revista Nganga* apresentei amplamente essa ideia do Culto de Exu em *dois momentos*: o *primeiro momento* que se estende do período colonial até 1940-50; o *segundo momento* após a década de 1950. O *primeiro momento* constitui as raízes coloniais da Quimbanda, sem nenhuma estruturação de culto ou mesmo a designação de Exu até o final

Em resumo este ensaio é destinado a esclarecer um único ponto: a deslegitimação da Quimbanda, enquanto tradição iniciática, em detrimento da existência de uma *kimbanda* supostamente *primordial*, legítima e sem inserções eurocêntricas judaico-cristãs. Meu objetivo é, portanto, demonstrar que essa suposta *kimbanda primordial* nunca existiu, porque os primeiros *kimbandas*, como demonstrei, miscigenavam em seus trabalhos individuais de estrutura mágica congolana, aspectos do catolicismo popular (santos sincretizados com os *òrişà*), espiritismo, as técnicas caboclas de pajelança ameríndia e a magia europeia advinda de inúmeras fontes. A raiz da Quimbanda é a Macumba. Nela, o eurocentrismo chegou mesmo antes de Exu!

SEÇÃO . I .

O SEGREDO DA MACUMBA

Se o código penal de um país marginaliza e criminaliza qualquer tipo de prática, seja ela qual for, toda a sociedade se mobiliza em desqualificá-la e repreendê-la. Era isso o que ocorria, na prática, com os sacerdotes e pais de santo da Macumba no fim do Séc. XIX até a década de 1950: discriminação religiosa, preconceito, perseguição e prisão.^[15] A Macum-

de 1800 como entidade principal; é no *primeiro momento* ainda que Exu aparece como personagem principal da Macumba, sendo *kimbanda* o indivíduo que trabalha com Exu. No *segundo momento* deu-se a formação da Quimbanda como a tradição iniciática que conhecemos hoje, tendo Exu como entidade principal e contornos iconográficos diabólicos. Veja Humberto Maggi, *A Gnose do Diabo*. Ensaio em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018. Do mesmo autor veja RAINHAS DA QUIMBANDA. Via Sestra, 2020. Veja também Roger Bastide. AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

[15] Veja a série de volumes sobre a história da Umbanda no Brasil de Diamantino Fernandes Trindade, que selecionou uma coleção singular de artigos de jornal da época que descreviam as invasões policiais nos terreiros de Macumba/Umbanda e a prisão de pais de santo e praticantes. Muitos umbandistas *federados*, quer dizer, afiliados as federações que buscavam regular a Umbanda e que criminalizavam a Macumba, denunciavam os terreiros a polícia. Sobre essa ponderação veja Marco Aurélio Luz e Georges Lapassade. O SEGREDO DA MACUMBA (Paz e Terra, 1972). Os autores denunciavam que os próprios umbandistas perseguiam, condenavam e incentivavam a chamar a polícia quando os Exus vinham em terra nos terreiros. Diamantino Fernandes Trindade acrescenta em FEITICEIROS E FEITIÇARIA NO SEGUNDO IMPÉRIO DO BRASIL (Editora do Conhecimento, 2019) que as denúncias eram fundamentais para a abertura dos inquéritos contra os pais de santo, bem como o fechamento dos terreiros e as prisões. Sem as denúncias as autoridades policiais nada podiam fazer.



ba, como movimento de integração religiosa multicultural no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo - estados por onde se espalhou inicialmente - era condenada pela sociedade e pelo Estado, como uma *religião criminosa*. Roger Bastide (1898-1974), que tinha uma visão depreciativa da Macumba, como movimento de integração cultural, comenta: *A Macumba do Rio se desnatura, por conseguinte, cada vez mais: acaba perdendo todo caráter religioso, para terminar em espetáculo ou se prolongar em pura «magia negra»*.^[16] As visões depreciativas dos acadêmicos e dos primeiros autores umbandistas sobre a Macumba eram, de fato, efeito colateral da visão sociocultural brasileira sobre esse movimento, naquele período. A sociedade como um todo via na Macumba a degradação espiritual da cultura africana, considerando-a baixo espiritismo ou magia negra. No artigo *A Indústria da Macumba: Energéticas Medidas da Delegacia de Entorpecentes e Mistificações*, publicado no jornal *A Batalha* em 25 de outubro de 1932, lemos:

Na luta que o serviço de Entorpecentes e Mistificações^[17] têm empreendido contra os exploradores da boa fé popular, tem-se

[16] Roger Bastide. *AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL* (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

[17] O termo *mistificação* utilizado hoje nos terreiros de Umbanda vem dessa época em que significava criminalmente charlatanismo.

coroado de magnífico êxito. Ontem os policiais conseguiram deter mais três curandeiros, sacerdotes da magia negra.^[18]

Esse é um dos milhares artigos de jornal condenando a Macumba e os feiticeiros no período. Em um artigo de duas partes publicadas no *Jornal Estado de São Paulo* em 1941, Bastide faz um relatório da Macumba:

O supremo sacerdote tem o nome banto de Embanda ou Umbanda, que outro não é senão *Kimbanda*, de Angola, transportado para o Brasil. É ele assistido no decorrer das cerimônias por um ou mais auxiliares, os *cambônes*. [...] As filhas dos deuses, ao contrário, tomam o nome espírita de *médium*, feminilizado em *média*. As de categoria mais alta são as *sambas*, e a primeira exerce funções análogas à da «mãezinha» dos candomblés. O termo *ogan* não é desconhecido, mas serve, aí, para designar os tocadores de tambor. Encontramos na mitologia todos os grandes deuses do panteão iorubá, mas frequentemente com outros [nomes] correspondentes católicos: Oxalá, também chamado, por influência banto, Zambi (o Cristo), Ogum, particularmente querido, como já o dissemos (São Jorge), Shangô (São Jerônimo), Oxossi (São Sebastião), Oxum (Nossa Senhora da Aparecida), etc. Mas tais não são mais adorados na forma de pedras ou pedaços de ferro, receptáculos de forças sobrenaturais; são-no na forma de estátuas católicas que ornam o altar da seita. Já não há *pegi*. Tudo quanto se pode achar, às vezes, são pratos embaixo do altar católico, escondidos por uma cortina e destinados a receber as oferendas alimentares dos orixás. Esses deuses podem descer sob uma das suas múltiplas formas. Mesmo Exu tem seus filhos e suas filhas que o recebem, e então seus transes têm algo de particularmente espetacular. Demais, as crises extáticas em geral diferem das da Bahia; enquanto, nesta última cidade, elas são relativamente calmas, controladas pelo grupo, aqui, ao contrário, tendem para histeria. E essa tendência é compreensível: já não tendo os médiuns uma mitologia para reger o transe, e fazer dele uma imitação dos gestos divinos, não resta nada além da gesticulação apaixonada do indivíduo, desorganizado em seu interior pela passagem do estado normal ao segundo estado. Mas se os orixás descem, o que sobretudo distingue a macumba do candomblé é a existência de espíritos familiares, onde encontramos a série dos *tatá* e da *cabula* bantos. Somente que, sob a influência do espiritismo, tais espíritos protetores são antigos índios ou antigos africanos mortos, cuja a alma flutua no mundo astral - o pai Joaquim, a rainha

[18] Reproduzido na íntegra em Diamantino Fernandes Trindade. *A HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL* (VOL. 9): NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA. Editora do Conhecimento, 2018.

da Guiné, o velho Lourenço etc... – divididos em caboclos (contribuição das religiões indígenas), e pais e mães, tias (nome dado pelos negros a mulheres idosas) e avós. Naturalmente, cada deus ou espírito tem a sua cor distinta, seus colares, seus alimentos preferidos e suas bebidas especiais. [...]

Entra-se na seita mediante uma iniciação. Esta começa pelo banho de purificação, mas corta-se apenas um tufo simbólico de cabelos, e a estada na câmara de iniciação, em consequência das necessidades acrescidas da cidade grande moderna, dura menos tempo. Às vezes só uma semana, mas frequentemente três, no decorrer das quais aprendem-se preceitos, cânticos e passos de dança. A recepção do novo ou da nova iniciada na seita é ocasião de uma grande festa chamada «do cruzamento», pois o sacerdote, com uma espada de ferro, traça uma cruz primeiramente nas costas, depois sobre o resto do corpo do candidato. Quanto às festas públicas, elas também constituem um misto de africanismos, de baixo espiritismo e magia. Começa-se entoando cânticos a Exu, e os cânticos se sucedem até que o Embanda receba um Exu que dê ordens aos *cambônes*, antes de partir. A exemplo da Bahia, depois de Exu é a Ogun que se saúda, e este, por sua vez, se incorpora ao sacerdote. Somente depois dessas duas manifestações é que os espíritos de velhos índios ou velhos africanos descem; é fácil reconhecê-los, pois durante o transe o índio sempre conserva os olhos abertos enquanto o africano os conserva fechados. Esses espíritos dão conselhos aos assistentes, remédios aos doentes, resolvem as dificuldades da vida de alguns, particularmente as dificuldades matrimoniais. Assim a festa termina em consulta. Certos elementos do ritual da macumba devem deter-nos a atenção. O sacrifício animal, que se realiza de manhã no candomblé, somente diante de um pequeno grupo de fiéis, ou não existe, ou então se realiza em plena festa; nesse caso, constituí o ponto culminante desta: mata-se um galo, cujo sangue faz-se pingar sobre uma mulher. Sente-se, aqui, que o elemento espetacular é o único em jogo, e estamos bem próximos da comercialização da macumba. Enquanto o sacerdote católico, ou seus acólitos, fazem rodas os turíbulos onde se queima incenso, os *Embandas* dão início ao seu ritual por uma defumação da casa e dos assistentes. Essa defumação de ervas aromáticas vai crescendo em importância, e já deu nascimento a um grande comércio: os ervanários do Rio não deixam de vender «defumadores» para toda espécie de males, não apenas espirituais, mas também materiais. Finalmente, os deuses ou os espíritos não são atraídos tão-somente pela música dos tambores, os cantos em língua africana: também são pelos desenhos traçados no solo com gizes especiais, de nome *pontos riscados*. A África não ignora esses desenhos, os quais se encontra no Haiti sob a denominação de *vèvê*; sofreram, entretan-

to, profundas metamorfoses: perderam a simplicidade dos círculos ou de outras formas mais ou menos geométricas da África, para se inspirarem cada vez mais nos livros europeus de magia.^[19]

Interessante notar que Bastide chama a atenção, em uma nota a esse excerto, para o fato de que a premissa de iniciação é uma herança do ocultismo europeu. Aqui se vê que, desde o início, os *kimbandas* da Macumba já estavam familiarizados com a tradição mágica ancestral da Europa, muito antes de Aluízio Fontenelle (1913-1952) aparecer em cena e unir, definitivamente, a demonologia e a feitiçaria dos grimórios a Quimbanda. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, muito popular nas macumbas como vimos nas edições anteriores da *Revista Nganga*, forjou as primeiras conexões entre o ocultismo europeu e a magia de Exu.^[20] É interessante como ele afirma que os *pontos riscados*, outrora na Macumba, por influência apenas da cultura banto, começam a ganhar contornos parecidos com as assinaturas dos espíritos e demais selos contidos nos grimórios de feitiçaria europeia. Bastide reforça o fato de que a Macumba por volta das décadas de 1910 e 1920 inúmeros europeus se tornaram *kimbandas*, trazendo a influência da cultura mágica europeia para dentro do culto. Ele diz:

O estudo que fizemos dessas seitas e desses indivíduos [os *kimbandas*] através dos fichários da polícia, e das coleções de jornais, bem como através de entrevistados e histórias de vida, mostram que aqui, ainda mais que no Rio, o branco penetrou nesse movimento místico-mágico, fazendo-o por sua presença afastar-se ainda mais de suas origens africanas [...]. Tanto mais que esse branco é frequentemente um estrangeiro: contamos 33 casos de curandeiros, feitiçeiros ou macumbeiros – portugueses, espanhóis, japoneses etc. Dessa forma, o sincretismo já começado prossegue com a introdução na *macumba* de todos os elementos mágicos que esses imigrantes trouxeram de seus países de origem.^[21]

Essa passagem de Bastide, nos lembra o

[19] Excerto reproduzido em Roger Bastide. AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

[20] Veja a *Revista Nganga* No. 4 para uma introdução concisa sobre O LIVRO DE SÃO CIPRIANO.

[21] Roger Bastide. AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

conto Magia Negra, de Aurélio Pinheiro, citado na introdução, que descreveu as aventuras do português Baptista para tornar-se um feiticeiro da Macumba. O relatório de Bastide sobre as macumbas e os feiticeiros é deveras interessante, pois levanta todas as questões que estamos explorando nesse ensaio, das quais as duas fundamentais são: i. *kimbanda* tratava-se do indivíduo, não de uma tradição ou movimento coeso de integração cultural e sistematização de culto; ii. nunca houve, em tempo algum, uma *kimbanda* desprovida de eurocentrismo. Os feiticeiros da Macumba usavam, excessivamente, a magia da cultura europeia. Bastide, ao relatar as macumbas de São Paulo, as descreve como um culto bem parecido a *Cabula*, mais organizadas, no entanto, perseguidas pelas autoridades e por isso, logo se descambaram no *baixo espiritismo* e, fundamentalmente, no trabalho individual do feiticeiro. Ele diz:

Mas a *Macumba* não desapareceu completamente: apenas passou da forma coletiva para a forma individual, ao mesmo tempo se degradando de religião em magia. O *macumbeiro*, isolado, sinistro, temido, como um formidável feiticeiro, substitui, hoje, a *macumba* organizada.^[22]

Em outra passagem Bastide completa:

O caráter mágico das sessões se manifesta, a um tempo, nos trabalhos pedidos e no ritual empregado. Urbano Mendes Falcão cura os doentes, arranja casamentos, ou os impede, a gosto do cliente; procura emprego para os grevistas e indica os números que vão ganhar na loteria. O feiticeiro branco, Paulino Antonio de Oliveira, faz encontrar amantes, reconcilia os casais brigados, costura hérnias, dá remédios para doenças do estômago, do coração e dos dentes. A *macumba* paulista é assim a grande fornecedora de esperança para as pessoas sem trabalho, sem amores e sem dinheiro. Não se trata de magia erudita, mas de magia popular, de acordo com o nível intelectual e economicamente baixo da plebe das grandes cidades. O material empregado é uma mistura de todas as magias do mundo, que o emigrante enriquece com novos processos acrescentados aos dos índios, dos africanos e dos luso-brasileiros; um sírio utiliza talismãs, livros de astrologia e orações e árabe; um francês as estrelas de Salomão e sinais cabalísticos. Apesar disso, os processos do ritual permanecem muito pobres, e as raízes, as ervas, os punhais,

[22] Roger Bastide. AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL (Vol. 2). Editora da Universidade de São Paulo, 1960.

dominam quase em toda parte. Se nos limitarmos aos elementos africanos que restaram nessa confusão de objetos e de ritos, descobriremos (sobretudo entre as negras e os negros): o transe místico, dado por Exu, senhor da magia, o despacho para Exu, feito com a metade de uma galinha preta, recheada com pedacinhos de fumo e grãos de milho depositada na porta de um inimigo que a gente quer que morra – a utilização dos mesmos *pontos riscados*, ou desenhos, da macumba carioca, em torno dos quais se acendem velas, e em cujo centro se faz explodir pólvora para afugentar os maus fluídos. Sem dúvida, a esses elementos africanos, sempre acrescentam, como no Rio, «rezas fortes», dirigidas aos santos da Igreja, e passes magnéticos emprestados do espiritismo.^[23]

Bastide conclui seu relatório frisando que:

O transe místico já não é o transe de todo um grupo social no interior de uma festa, a um tempo consulta e culto, mas o transe de um só indivíduo, o macumbeiro, o único a receber o espírito de um africano ou de um *caboclo* no seio de uma cerimônia privada, de consulta mágica.^[24]

Este *macumbeiro*, portanto, é o *kimbanda* ou *Embanda* da Macumba, um feiticeiro que tocava seu trabalho individual, segundo seu conhecimento e cultura. Um terreiro de Macumba, liderado por um ex-escravo, poderia ter uma inclinação mais africana; por outro lado, um terreiro de Macumba, cujo chefe era um francês, poderia ter uma inclinação maior ao uso de elementos eurocêntricos. Não havia a *Kimbanda*, mas o trabalho individual do *kimbanda*. Em seguida, o termo *kimbanda* designaria um ritual com as Linhas de Exus dentro da Umbanda, como veremos na próxima seção.

A Macumba distinguiu-se dos outros cultos afro-brasileiros por seu caráter essencialmente mágico. A feitiçaria da Macumba tinha o objetivo único de resolver problemas seculares, sem nenhum compromisso com a moral ou o trabalho místico sobre a alma. Essa característica, indelével, da Macumba seria transmitida integralmente para a Quimbanda posteriormente.

A história de vida de Juca Rosa, o *chefe das macumbas*, como foi apelidado, ilustra tudo o que vimos até aqui: i. o trabalho individual

[23] Ibidem.

[24] Ibidem.

do feiticheiro que atendia poucos ou muitos clientes; ii. a criminalização e perseguição religiosa que vigorou a partir do código penal de 1890; iii. a miscigenação cultural de três etnias dentro do trabalho de feitiçaria.

Embora Juca Rosa tenha sofrido uma dura pena de prisão, antes do código penal de 1890, seu caso exemplifica o trabalho individual do feiticheiro e o descaso social pela presença do feiticheiro na *comunidade*.

José Sebastião da Rosa, um proeminente líder religioso e precursor das Macumbas cariocas,^[25] foi preso, processado e condenado a seis anos de cadeia por praticar feitiçaria.^[26] Nascido livre, filho de uma escrava angolana, Juca trabalhava com uma entidade que se apresentava como Pai Quibombo, que *alegava praticar tanto o bem quanto ao mal*. Seu ritual tinha estrutura banto, mas incorporava muitos aspectos da religião católica. Ao relatar o caso de Juca Rosa, o autor Humberto Maggi nos chama a atenção para o fato de que o Pai Quibombo mostrava claramente, com suas palavras, que estava disposto a auxiliar as pessoas em suas boas ou más inclinações, o que é uma característica do Exu que conhecemos hoje na Quimbanda.^[27] Dois termos técnicos foram diretamente associados a Juca Rosa em inúmeras crônicas jornalistas da época, *mbanda*^[28] e *kimbanda*,^[29] o que demonstrava claramente as raízes banto de seu culto. Em sua tese de doutorado, defendida em 2000, *A HISTÓRIA DO FEITICEIRO JUCA ROSA: CULTURA E RELAÇÕES SOCIAIS NO*

[25] A designação de macumba como um culto formalmente organizado primeiro foi um adjetivo para as diversas práticas que feiticheiros como Juca Rosa praticavam. Somente depois eles mesmos passaram a assumir o termo macumba associado ao ritual que praticavam.

[26] Juca Rosa foi processado em 1871 e condenado por fraude. Seus serviços foram, naquele período, altamente requisitado na corte e na classe alta da sociedade. Sua lista de clientes era abundante.

[27] Humberto Maggi. *RAINHAS DA QUIMBANDA*. Via Sestra, 2020. No ensaio *A Gnose do Diabo*, em *SCIENTIA DIABOLICAM* (Clube de Autores, 2018), o autor chama a atenção para o fato de que o Pai Quibombo que trabalhava com Juca Rosa foi um dos primeiros protótipos para o que posteriormente viria a ser chamado de «Preto-Velho» nas primeiras casas de Macumba e Umbanda.

[28] Bruxo, magista, encantador, curandeiro.

[29] O termo técnico que apareceu nos relatos de Coelho Neto acerca de Juca Rosa foi *quibande*, que significa curandeiro, magista, feiticheiro, rezador, exorcista, necromante. Citado em Gabriela dos Reis Sampaio. *A HISTÓRIA DO FEITICEIRO JUCA ROSA*. Tese de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

RIO DE JANEIRO IMPERIAL, a acadêmica Gabriela dos Reis Sampaio descreve o ritual de Juca Rosa:

Aquela reunião [...] era também mais uma das cerimônias que aconteciam com frequência, envolvendo o pai [de santo] e suas filhas e filhos [de santo]. Os mais antigos, frequentadores de longa data daquelas atividades, sabiam o que estavam prestes a presenciar. Haveria música, dança, muita comida e bebida. A certa altura, Rosa iria entrar em transe, quando, ao que se dizia, ele recebia espíritos em seu corpo, ou «falava com espíritos», e então se transformava: passava a agir como o Pai Quibombo, e não mais como José Sebastião da Rosa. Nesse estado ele atendia as pessoas, já que ficava dotado com um poder «sobre o natural», segundo contavam seus seguidores.^[30]

Juca Rosa representou o *protótipo* dos *kimbandas* que conformaram as primeiras casas de Macumba do Rio de Janeiro, sendo ele o mais proeminente entre todos. Notadamente, vê-se que nessa descrição da prática religiosa de Juca Rosa ainda não havia o elemento *exu-diabo* ou qualquer inserção *yorù-bá*. Herdando traços genuínos das antigas *Cabulas*, a tônica de trabalho era essencialmente banto, com inserções religiosas retiradas do catolicismo popular e do espiritismo. Patrícia E. Canson na *ENCYCLOPEDIA OF AFRICAN RELIGION* diz:

No fim dos anos 1900, o povo *yorùbá* e *congo-angolano* representava a maioria dos escravos trazidos ao Brasil. Mais tarde os grupos de fala *kikongo* incorporaram as religiões combinadas do Daomé e da América Nativa (ameríndia) com o catolicismo e com o espiritismo europeu para construir a prática religiosa da Macumba. Na prática, os cruciformas riscados no chão dos santuários, e a presença de certos espíritos medicinais, atestam a influência congo-angolana. Muitos sacerdotes da Macumba «marcam pontos» à maneira dos *hakongos* para «centrar» a água consagrada.^[31]

Humberto Maggi chama atenção para o fato de que a *inserção do pensamento mágico europeu, na estrutura dos rituais africanos, aconteceu desde o início do tráfico de escravos*

[30] Gabriela dos Reis Sampaio. *A HISTÓRIA DO FEITICEIRO JUCA ROSA*. Tese de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

[31] Citado em Humberto Maggi, *A Gnose do Diabo*. Ensaio em *SCIENTIA DIABOLICAM*. Clube de Autores, 2018.

para o Brasil.^[32] O autor resume em três pontos essa inserção:

1. Associação de bruxas portuguesas exiladas com escravos africanos, desde o início do tráfico de escravos em 1553.
2. Associação de escravos libertos com imigrantes europeus (particularmente italianos), após a abolição da escravidão. Os europeus foram encorajados a migrar em massa na tentativa de «embranquecer» o país, e trouxeram com eles muitas práticas mágicas folclóricas.
3. Influência da literatura mágica e espírita francesa, importada no fim do século [XIX] e início do século XX. Sociedades e editores ocultistas existiam nas classes média e alta, e a França era então o modelo cultural da elite brasileira.^[33]

As descrições dos trabalhos espirituais realizados por Juca Rosa demonstram como ele foi o protótipo para a formação do culto que primeiro veio a ser designado como Macumba e, depois, Umbanda e Quimbanda. Seu traje cerimonial, na maioria das vezes, era preto e vermelho. Ele fazia comidas diversas, inclusive uma mistura de farinha de mandioca com azeite de dendê, sobre a qual ele sacrificava um galo.^[34] Gabriela dos Reis Sampaio chega a seguinte conclusão.

Entre os diversos orixás cultuados, tanto na Umbanda quanto no Candomblé, o culto a entidade Exu parece ser o que mais se aproxima das cerimônias de Rosa. Muitas vezes identificado com o Diabo cristão, Exu é, entretanto, bem diferente dele. Na religião cristã o demônio é associado ao mal absoluto; remete-se a representações da Inquisição. Na Umbanda, e também no Candomblé, porém, Exu não é apenas ligado ao mal. Ainda que sua representação seja a da figura de um diabo, com tridente, chifre e rabo, Exu geralmente tem uma condição ambígua, não sendo nem bem e nem mal, mas podendo realizar benefícios ou malefícios conforme é manipulado. Teimosos, abusados, os diferentes exus são potencialmente perigosos, pois aceitam qualquer pedido de seus clientes, independente de preocupações de ordem moral, desde que sejam devidamente pagos.^[35]

Aqui a autora não consegue discernir en-

[32] Humberto Maggi, *A Gnose do Diabo*. Ensaio em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

[33] *Ibidem*.

[34] Gabriela dos Reis Sampaio. *A HISTÓRIA DO FEITICEIRO JUCA ROSA*. Tese de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

[35] *Ibidem*.

tre o *deus caluniado*, termo que Roger Bastide usou para designar o *òriṣà Èṣú*, por ter sido ele caluniado como o Diabo desde a primeira vez que os missionários cristãos pisaram na África, e os Exus entidades reverenciados na Umbanda e posteriormente no Candomblé.^[36] Thomas Jefferson Bowen (1814-1875), missionário e pregador da Igreja Batista, é citado por Reginaldo Prandi quando afirmou:

Na língua iorubá o diabo é denominado Exu, àquele que foi enviado outra vez, nome que vem de *su*, jogar fora, e *Elegbara*, o poderoso, nome devido ao seu grande poder sobre as pessoas.^[37]

Os *yorúbás*, diferentes dos bantos, reverenciam os *òriṣà*. Eles foram os últimos grupos de escravos trazidos ao Brasil, no Séc. XIX e se concentraram mais no Norte do país, principalmente na Bahia. Com o fim da escravidão começa um intenso intercâmbio cultural entre escravos libertos bantos e *yorúbás*, e foi nesse contexto de intercâmbio que o *òriṣà Èṣú*, diabolizado desde a África pelos pregadores e missionários cristãos, chega até as Macumbas cariocas, desenvolvendo-se plenamente na categoria de espíritos que conhecemos hoje como Exus, na formação das primeiras tendas de Umbanda. Um exemplo desse intercâmbio cultural eram as diversas viagens que Juca Rosa empreendia até a Bahia, na intenção de se purificar.

A macumba bantu toma emprestado do candomblé os nomes dos orixás, o nome de Exu, mas para fazer um uso diferente. [...] A macumba encontrou no candomblé a figura de Exu, mas se o nome permanece, o lugar de Exu na macumba é totalmente diferente de seu lugar no candomblé.^[38]

Então, o *òriṣà Èṣú*, o mensageiro demonizado, forneceu as características fundamentais que inspiraram os Exus como hoje os conhecemos na Umbanda e Quimbanda. Desde início do Séc. XX, ainda no *primeiro*

[36] Posteriormente porque primeiro o *òriṣà Èṣú* demonizado dos Candomblés inspirou o trabalho dos Exus-Diabos da Macumba e Umbanda; em seguida essas entidades endiabradas primeiro inspiradas pelo *òriṣà Èṣú*, posteriormente se infiltraram nos Candomblés.

[37] Reginaldo Prandi. *Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu*. Ensaio em *Revista USP*, no. 50. São Paulo, 2001.

[38] Marco Aurélio Luz e Georges Lapassade. *O SEGREDO DA MACUMBA*. Paz e terra, 1972.

momento, o Exu nas casas e tendas de Macumba e Umbanda já possuía as características tradicionais, dentre elas a iconografia diabólica, que somente mais tarde, no *segundo momento*, iriam entrar fecundas e definitivamente no imaginário brasileiro. E como é possível observar, não existia aqui um movimento organizado de culto a Exu. O que existia eram os trabalhos com Exus nas casas de Macumba, no fim de 1900, rituais muitas vezes referidos como *kimbanda*, contendo sacrifício animal e oferendas aos espíritos. Não houve, portanto, tempo algum onde existiu uma *kimbanda* livre de eurocentrismo e influência judaico-cristã. Antes mesmo de *òrișà* Èşú chegar na Macumba, esta já era influenciada pelo catolicismo popular e espiritismo.

Leal de Souza (1880-1948), o primeiro autor umbandista, em 1925 apresenta um ritual da Macumba, onde se trabalhava com Exu. Note que ele descreve a prática como *magia negra*, demonstrando no primeiro livro umbandista publicado no Brasil que a Umbanda se distinguia da Macumba, que trabalhava com o Povo de Exu e tratava-se de magia negra. Eu ofereço a descrição na íntegra, pois ela representa a tendência que a Umbanda já demonstrava, desde seu primeiro autor, de embranquecer suas raízes na intenção de aceitação pública. E como veremos, dessa busca por reconhecimento social, como um efeito colateral, nasce a Quimbanda como tradição organizada.

Despindo-se, através dos tempos, de sua imponente pompa litúrgica, a Magia Negra conserva, por toda parte, a quase totalidade de seu poder terrífico de outrora.

Como a Branca, que lhe é adversa, a Magia Negra para consecução de seus objetivos, opera com as forças da natureza, propriedades de produtos da fauna e da flora do mar, de corpos minerais, de vegetais de vísceras e órgãos animais, com elementos do organismo humano, e com atributos ou meios só existentes nos planos extraterrestres. A sua influência atinge as pessoas, os animais e as coisas.

As entidades espirituais que realizam esses trabalhos possuem sinistra sabedoria, recursos verdadeiramente formidáveis, e energia fluídica aterradora.

Um desses espíritos tem se prestado à experiências, não só diante de conhecedores do espiritismo, como perante pessoas de brilho social no círculos da elegância. Assim, tomando o seu aparelho, isto é, incorporando-se ao seu médium, faz triturar com os dentes, sem ferir-se, cacos de vidro.

Caminha, de pés descalços, sobre um estendal de fundos de garrafas quebradas, seno que, por duas vezes, convidado, levaram as garrafas e as quebraram, aguçando lâminas pontudas para o passeio do médium.

Ele demonstrou de uma feita, a um grupo de curiosos da alta sociedade, a importância de coisas aparentemente insignificantes. Nos centros do espiritismo de linha, pede-se, durante as sessões, que ninguém encruze as pernas e os braços. Parece uma exigência ridícula, e não o é. Provou-o, o Exu.

Quando, incorporado, passeava descalço sobre os cacos de vidro, para fazer compreender a transcendência daquela recomendação, mandou que uma senhora trançasse a perna, e logo os pedaços de vidro penetraram, ensanguentando-se, os pés que os pisavam.

Para comprovar a força dos pontos da magia (desenhos emblemáticos, cabalísticos ou simbólicos), produziu uma demonstração sensacional. Escolheu sete pessoas, ordenou-lhes que se concentrassem sem quebra da corrente de pensamento, riscou no chão um ponto e decapitou um gato, cujo corpo mandou retirar, deixando a cabeça junto ao ponto.

- Enquanto não se apagar esse ponto, esse gato não morre e essa cabeça não deixa de miar.

Durante dezessete minutos, a cabeça separada do corpo miava dolorosamente na sala, enquanto lá fora, o corpo sem cabeça se debatia com vida. Os assistentes começavam a ficar aterrados. Ele apagou o ponto, e cessaram o miado gemente da cabeça sem corpo e as convulsões do corpo sem cabeça. Tais entidades tem ufanía de seu poder; são com frequência, irritadiças e vingativas, mas, quando querem agradar a um amigo da Terra, não medem esforços para satisfazê-lo. As suas lutas no espaço, por questões da Terra, tem a grandeza terrível das batalhas e das tragédias.

Essa magia exerce diariamente a sua influência perturbadora sobre a existência, no Rio de Janeiro. Centenas de pessoas de todas as classes, pobres e ricos, grandes e pequenos, por motivos de amor, por motivos de ódio, por motivos de interesse, recorrem aos seus sortilégios. A política foi e continua a ser dos seus melhores e mais assíduos clientes.

Durante a revolução de São Paulo, essas hordas do espaço travaram pugnas furiosas, lançando-se umas contra as outras. As que se moveram pelos paulistas esbarraram com as que foram postas em ação em favor da ditadura e esses choques invisíveis nos planos que os nossos sentidos não devassam, certo ultrapassaram, em ímpeto, as arremetidas do plano material. Sobre o enraivecido desentendimento das legiões ditas negras, pairavam as falanges da Linha Branca de Umbanda e os espíritos bons e superiores de todos os núcleos de nosso ciclo, levantando muralhas fluídicas de defesa

para que os governantes de São Paulo e do Rio não fossem atingidos pela perturbação, e na plenitude de suas faculdades, medindo a extensão da desgraça, compreendessem a necessidade de negociar e concluir a paz. Nesses dias da guerra civil, os terreiros da Linha Branca de Umbanda tinham um aspecto singular: - estavam cheios de famílias aflitas, e quase desertos de protetores, pois as falanges todas se achavam no campo das operações militares, esforçando-se para atenuar a brutalidade da discórdia armada...

A atividade da Magia Negra tem três modos de ser contrastadas: a oposição de seus próprios elementos, a defesa a que se obriga a Linha Branca de Umbanda e a atuação dos Guias Superiores.

Creio que, perdendo a solene pompa do cerimonial antigo, a magia perdeu em eficiência, porque a colaboração do elemento humano pensante e sensível diminuiu. O homem que aspira ao domínio da magia necessita de aprofundar-se em estudos muito sérios, sobretudo os da ciência, para conhecer as propriedades dos corpos, e suas afinidades, e precisa, ainda, desenvolver e governar, com intransigência de ferro, as faculdades da alma, as forças físicas e as energias do instinto. Isso não é fácil, e o praticante da magia, em nosso tempo, tem de subordinar-se, em absoluto, a vontade de um espírito, que, em geral, só lhe permite um lucro mesquinho.

Nessas condições o indivíduo que se poderia chamar o mago negro cada dia se tornara mais raro, desaparecendo, a pouco e pouco, o contato da humanidade com essa ordem de espíritos.

Nos centros dessa magia, conforme a finalidade das reuniões, os aparelhos humanos laboram vestidos, desnudos da cinta para cima ou totalmente despidos. Trabalha-se com entusiasmo, até para o bem, quando lhes encomendam.^[39]

Leal de Souza descreve em sua crônica uma sessão chefiada por um *kimbanda* em uma casa de Macumba, doravante, identificada como magia negra pelos autores umbandistas das próximas décadas. O autor apresenta, em sua obra, um retrato da Umbanda que buscava por validação social e, para isso, era necessário embranquecer as raízes, distanciar-se da Macumba, ou seja, do trabalho com Exu-Diabo e os sacrifícios de animais. Então, alguns praticantes da Macumba iniciaram um movimento de *branqueamento* em sua ritualística, assumindo o novo nome de Umbanda e afirmando o elemento eurocêntrico como eixo estrutural do culto. Renato

[39] Leal de Souza. O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA. Aruanda, 2019.

Ortiz provê riqueza de detalhes sobre essa transição e branqueamento em sua obra *A MORTE BRANCA DO FEITICEIRO NEGRO: UMBANDA E SOCIEDADE BRASILEIRA* (Brasiliense, 2011). A ênfase do eurocentrismo na Umbanda, naquela época, foi fruto de uma intensa busca por aceitação por parte da sociedade brasileira. Fundamentalmente, tratou-se de uma tentativa de fuga as inúmeras denúncias e perseguições, que levavam os pais de santo a prisão.

Os autores das próximas décadas não mediram esforços em depreciar a ação de Exu. Note que Leal de Souza descreve um Exu que se comunica com as pessoas, risca ponto, faz desafios e propõe sugestões racionais através de argumentação. Os livros umbandistas passaram a descrever a atuação dos Exus de forma degradante, como espíritos inferiores que se arrastavam no chão. Um retrato totalmente diferente daquele apresentado por Leal de Souza. Isso ocorreu para desqualificar o trabalho com Povo de Exu. Então gradativamente, como atesta a crônica de Leal de Souza acima, os Exus pararam de se apresentar naquelas casas que se denominavam Umbanda. Mas, por pouco tempo, como veremos abaixo.

Existiam ainda as casas que não aderiram às mudanças, no entanto, também rebatizaram o seu trabalho com o termo Umbanda, a fim de aceitação pública. Nessas casas se manteve o trabalho com Exu e os sacrifícios animais. Nesse período podemos ver uma bifurcação e a distinção de dois trabalhos: i. a Umbanda Branca sem a presença de Exu; ii. a Umbanda, antiga Macumba rebatizada, que manteve a estrutura original e o trabalho com Exu e se apresentou como *omolocô*.

É essa Macumba rebatizada de Umbanda Omolocô e, que manteve o trabalho com Exu, que eles dizem ser a *kimbanda primordial*, sem inserção eurocêntrica ou diabolismo, com foco na miscigenação africana, indígena brasileira e espírita kardecista. Os pais de santo da Umbanda Omolocô alegam, portanto, serem eles os genuínos guardiões da *kimbanda primordial*, sendo que são, em verdade, tanto quanto a Umbanda Branca, uma derivação da Macumba. Se na Umbanda Omolocô, paladina da *kimbanda primordial* sem influências eurocêntricas, há um grau de espiritismo kardecista, então é pura desones-

tidade intelectual apresentar-se como movimento religioso sem inserções eurocêntricas. Aqui o termo *kimbanda* é associado ao pai de santo que trabalha com Exu e Pombagira e um dos expoentes dessa vertente umbandista é Tãta Tancredo (1904-1979).^[40]

Como estamos observando, a alegação deles é uma fantasia. Jamais existiu uma Macumba sem nenhuma inserção eurocêntrica. Santos sincretizados com os *òrisha*, a presença de Exu como figura diabólica, as inserções espíritas, tudo isso é influência eurocêntrica. E como veremos adiante, o Exu-Diabo das Macumbas, inspiradas pelo *òrisha* Èšú demonizado, ganhou características mais diabólicas com o tempo, associando-se com demônios judaico-cristãos, reforçando sua identidade no imaginário brasileiro.

Bastide, que desfavorecia a Macumba nos seus relatórios, via o trabalho dos feiticeiros como pura degeneração cultural. Essa postura foi criticada pelos autores Marco Aurélio Luz e Georges Lapassade, que escreveram:

É preciso dizer que a macumba é um fato cultural, específico e original. E o importante aqui não é só lembrar de Angola e o culto africano dos antepassados. É ao contrário, de mostrar como neste esquema original, alguma coisa de muito diferente, e de muito novo foi produzida no Brasil: é o culto dos heróis da história e da revolta, os caboclos, e os pretor velhos que são com os Exus os elementos essenciais da macumba.^[41]

Seja como for, os intelectuais da Umbanda passariam a designar a Macumba agora como Quimbanda (magia negra e baixo espiritismo). O elemento *diferente, e de muito novo* acabou sendo a base fundante do que no futuro se tornaria uma tradição e sistema de magia.

SEÇÃO . I I .

A LEI DE QUIMBANDA

Em 1942, entra em cena um dos maiores intelectuais da Umbanda, Lourenço Braga (1900-1963), com a obra *UMBANDA & QUIM-*

[40] O Omolocô, cabe frisar, não se apresenta como uma vertente da Umbanda.

[41] Marco Aurélio Luz e Georges Lapassade. *O SEGREDO DA MACUMBA*. Paz e terra, 1972.



BANDA.^[42] Exu já havia retornado a Umbanda com força total, após duas décadas de ocultamento. Em 1940, na Tenda Espírita São Jorge, no Rio de Janeiro, uma das tendas originárias do trabalho de Zélio de Moraes (1881-1975), os Exus tiveram a autorização do Caboclo Tupinambá para retornarem a Umbanda, se apresentando no fim das giras. É quando o termo *kimbanda* passa a ser associado a um ritual dentro da Umbanda. Uma vez que a Umbanda passou tanto tempo invalidando, criminalizando e ocultando a presença de Exu, agora seria necessário realocá-lo dentro da estrutura da religião e assim nasce a *Lei de Quimbanda*.

Nas páginas de abertura de seu livro, Lourenço Braga se colocava como o continuador do trabalho de autores como Leal de Souza, João de Freitas e Valdemar Bento, dividindo o espiritismo em três categorias: i. espiritismo científico ou *cardecismo* puro, o tipo superior

[42] Lourenço Braga. *UMBANDA & QUIMBANDA*. EDC, 1942.

de espiritismo; ii. espiritismo médio ou Lei de Umbanda, a magia branca e; iii. baixo espiritismo, a Lei de Quimbanda, a magia negra.

É interessante que Lourenço Braga comenta que *a magia branca é um elemento de combate a magia negra*, ou seja, a Umbanda tem o propósito de combater a Quimbanda. Essa ideia seria retomada por Aluízio Fontenelle,^[43] que fala explicitamente que a Umbanda *nasceu* para combater a Quimbanda. A Quimbanda aqui referida por Fontenelle é a Macumba. Lourenço Braga diz:

Legiões de espíritos já evoluídos, com a permissão do Altíssimo, resolveram socorrer as criaturas vítimas das falanges maléficentes e ao mesmo tempo intervir entre os Quimbandeiros, visando neutralizar, de algum modo, a violência dos trabalhos por eles realizados, procurando encaminhá-los na senda do progresso espiritual.^[44]

Na intenção de distinguir a Umbanda Branca da Quimbanda (ou Macumba) Negra, era necessário dividir o cosmos umbandista em duas *forças* espirituais, a força do Bem e da Luz representada pela Lei de Umbanda e suas Sete Linhas, e a força do Mal e das Trevas representada pela Lei de Quimbanda e suas Sete Linhas. É a primeira vez na história literária da Umbanda e Quimbanda que o termo *Quimbanda* é apresentado como uma organização espiritual. Lourenço Braga explica:

Essas organizações espirituais, «Umbanda» e «Quimbanda», vêm sofrendo várias modificações, desde a sua existência até a presente época, modificações essas acordes com a evolução dos espíritos reencarnados e com a marcha evolutiva do Planeta terra.^[45]

Umbanda e Quimbanda, na obra de Lourenço Braga, são duas engrenagens do cosmos material, uma servindo de contrapeso a outra, em função da harmonia do cosmos em evolução. Não se trata mais do *kimbanda*, do indivíduo e seu trabalho pessoal; não se trata mais de um tipo de ritual na estrutura ritualística da Umbanda; a partir de Lourenço Braga, a Quimbanda deixa de representar o indivíduo feiticeiro ou o ritual com Exu, tor-

nando-se um sistema de magia, que funciona por meio de uma miríade de Exus classificados em *linhas de trabalho*.

Linhas, nesse caso, quer dizer, um grande exército de espíritos obedientes a um chefe. [...] Cada linha subdivide-se em sete legiões, tendo cada uma, um chefe; cada legião subdivide-se em sete grandes falanges, tendo, também, cada qual, o seu chefe; falange grande, por seu turno, divide-se também, em sete falanges menores, e assim sucessivamente. Falanges são agrupamentos de espíritos que têm afinidades entre si; têm a mesma cor e luz e que têm uma roupagem fluídica igual ou parecida, sendo variável o número de seus componentes.

[...] A Lei de quimbanda tem um Chefe Supremo, a quem chamam de «Maioral da Lei de Quimbanda». [...] Todos os espíritos da Lei de Quimbanda possuem luz vermelha sendo que o chamado «Maioral», conhecido no catolicismo como Satam, Satanaz, Diabo, Capeta, Lúcifer, Príncipe do Fogo, Tinhoso, Anjo do Mal, etc., possui uma irradiação de luz vermelha tão forte que nenhum de nós suportaria sua aproximação.^[46]

Lourenço Braga descreve o trabalho de algumas linhas:

Os espíritos dessa última Linha (Mista), se comprazem nas práticas do mal, como todos os componentes das outras Linhas, porém, agem indiretamente, isto é, arregimentam espíritos sofredores [...] para colocá-los juntos da pessoa ou grupo de pessoas a quem desejam fazer mal, provocando assim no paciente moléstias diversas, pelo contato fluídico^[47] desses espíritos com o perispírito^[48] da vítima.^[49]

Interessante que nessa passagem, Lourenço Braga conclui: *Geralmente, verifica-se que o espírito atuante transmite às vítimas as moléstias de que era portador, quando ainda preso à matéria, na Terra.*^[50] A Linha Mista, tradicionalmente, compõe-se de *kiumbas*,^[51]

[46] Ibidem

[47] Referência ao meio de contato, quer dizer, o agente mágico universal, a luz astral, a alma do mundo, ou simplesmente o astral. Veja o ensaio *Quimbanda & Magia Cerimonial: O Baphomet de Elisphas Levi & o Maioral da Quimbanda*.

[48] Referência ao corpo astral, o veículo pneumático da alma.

[49] Lourenço Braga. UMBANDA & QUIMBANDA. EDC, 1942.

[50] Ibidem

[51] Os *kiumbas* na Quimbanda são os antigos sacerdotes do culto que não conseguiram, no pós-vida, tornarem-se Exus nas falanges do Chefe Império Maioral, o Diabo. São, portanto, feiticeiros de alto calibre, antigos *kimbandas* com todo tipo de conhecimento acerca da feitiçaria. Alguns táta-ngangas da

[43] Aluízio Fontenelle. EXU. Editora Aurora, 1951.

[44] Lourenço Braga. UMBANDA & QUIMBANDA. EDC, 1942.

[45] Ibidem

não Exus. Eles são, portanto, exus com e minúsculo. Quer dizer, espíritos obsessores de todo tipo nomeados com o título de exu porque nessa Linha eles trabalham para os Exus e sob o comando de Exu dos Rios. Nomes como *Pombagira Arranca-lhe as Pregas, Exu Buraco Fundo* etc., são os *kiumbas* que compõem a Linha Mista.

Os outros espíritos da Lei de Quimbanda são astutos, egoístas, sagazes, persistentes, interesseiros, vingativos etc.; porém, agem diretamente e se orgulham das vitórias obtidas. Muitas vezes praticam o bem e o mal, a troco de presentes nas encruzilhadas, nos cemitérios, nas matas, no mar, nos rios, nas pedreiras e nas campinas.^[52]

A tradição literária de um culto só se inicia algum tempo depois da formação dos seus primeiros núcleos e posterior desenvolvimento, pelos menos algum. Nunca uma tradição literária sobre alguma coisa, no âmbito da pesquisa histórica, começa junto com a coisa em si. Lourenço Braga está colocando no papel, é claro, àquilo que já estava presenciando nos terreiros. Ele não inventou a Quimbanda como alguns propõem, ele foi o primeiro a descrevê-la na literatura umbandista. Nesse excerto, Lourenço Braga, esboça a atuação de espíritos antigos como o Pai Quibombo, que trabalhava com Juca Rosa, o *chefe das macumbas*, mas aqui descrevendo os Exus da Lei de Quimbanda e o *modus operandi* de trabalhar com eles.

Quer os que praticam a «Magia Negra» quer os que praticam a «Magia Branca» usam objetos [...] tais como: o punhal, as pombas de cores diversas, despachos nas encruzilhadas e nos cemitérios, galos vermelhos ou pretos, sangue de boi, farofas [...].^[53]

Após Lourenço Braga apresentar a Lei de Quimbanda e suas *linhas de trabalho*, inúmeros autores começaram a se debruçar sobre o tema, aprofundando o *modus operandi* de trabalho dos Exus. Na obra de N.A. Molina, SARAVÁ EXU, encontramos: *procurei ensinar de tudo um pouco sobre o Agente Mágico*

Quimbanda classificam os *kiumbas* como os maiores inimigos dos Exus. Esses *kiumbas*, por outro lado, arregimentam falanges diversas de úgún, que trabalham como soldados-escravos, servidores para qualquer tipo de coisa.

[52] Lourenço Braga. UMBANDA & QUIMBANDA. EDC, 1942.

[53] Ibidem.

Universal, suas cores, seus locais certos onde devem ser colocados os seus despachos.^[54] Nesse livro são esboçados inúmeros tipos de trabalho a serem feitos com Exu e Pombagira. O autor produziria outras obras na mesma linha: SARAVÁ O REI DAS 7 ENCRUZILHADAS, DIÁRIO SECRETO DE UM FEITICEIRO, NO REINO DA FEITIÇARIA ANTIGA, entre outros. Embora Molina se baseie mais na obra de Aluizio Fontenelle, o ponto aqui é este: após Lourenço Braga apresentar a Quimbanda como organização espiritual, uma leva considerável de autores umbandistas começaram a se debruçar sobre o assunto, entre eles o eminente Aluizio Fontenelle, o homem que materializou a ponte definitiva entre a Quimbanda e a Tradição Oculta Ocidental.

SEÇÃO . I I I .

A GNOSE DO DIABO:

EXU-DEMÔNIO & QUIMBANDA DIABÓLICA

A Umbanda nasceu da Quimbanda [porque] a Umbanda foi criada no Astral Superior para combater a Quimbanda.^[55]

Na sua essência íntima, a Quimbanda é quase tudo, idêntica ao que se cultua na Umbanda, uma vez que, daquela surgiu essa última. [...] Continuo afirmando que a Umbanda nasceu da Quimbanda, e por consequência, labora em erro, todo aquele que pretender afastar da *Lei de Quimbanda ou Magia Negra*, os orixás maiores.^[56]

Na década de 1970, a Quimbanda já havia se consolidado como uma tradição iniciática completamente distinta da Umbanda, de caráter secreto e essencialmente mágico. Isso só foi possível ocorrer porque, entre as décadas de 1920 e 1950, a Umbanda buscou consolidar-se como uma religião popular essencialmente brasileira e como tal, aceita por toda sociedade. *O surgimento da Quimbanda está intimamente ligado à criação da Umbanda nas primeiras décadas do século XX.*^[57]

Aproveitando o furor intelectual, que

[54] N.A. Molina. SARAVÁ EXU. Editora Espiritualista, 1982.

[55] Aluizio Fontenelle. Exu. Editora Espiritualista, 1951.

[56] Aluizio Fontenelle. O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA. Editora Espiritualista, 1950.

[57] Humberto Maggi. RAINHAS DA QUIMBANDA. Via Sestra, 2020.

se iniciou no governo de Getúlio Vargas em 1930, começaram a surgir os intelectuais umbandistas que sucederam Leal de Souza, que presenciaram as batalhas oligarcas de São Paulo e Minas Gerais -que pararam o país e levaram Getúlio ao poder. Esses autores fizeram um *expurgo* na Umbanda, soterrando ao esquecimento os elementos mágicos essenciais, que poderiam conectá-la as famigeradas, diabólicas e degradantes macumbas cariocas. A intenção desses autores, das décadas entre 1930 e 1950, era apresentar a Umbanda como a genuína religião brasileira, mestiça, porque o *mestiço* passou a ser o símbolo de nossa identidade nacional.

Dois autores são de fundamental importância à Quimbanda, nesse período: Lourenço Braga e Aluizio Fontenelle, que escreveu três livros entre 1950 e 1952, ano de sua passagem: O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA (1950), A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS (1952) e um dos livros mais importantes da tradição literária umbandista: Exu (1951), que conectou a Quimbanda diretamente a tradição dos grimórios europeus e a Tradição Oculta Ocidental.

Existem pouquíssimas referências acerca da vida e obra de Aluizio Fontenelle. Ele era um fervoroso umbandista daquela leva de intelectuais que desejavam embranquecer a Umbanda a todo custo, tornando-a socialmente aceita. Para tal ele relegou todo africanismo e fetichismo da África a Quimbanda, nome pelo qual ele se referia a Macumba, elegendo a Umbanda como uma religião de tipo superior, seguindo próximo as distinções estabelecidas por Leal de Souza e Lourenço Braga: o *cardecismo puro*, de tipo superior; a Umbanda ou *médio espiritismo*; e a Quimbanda ou *baixo espiritismo*.^[58]

Interpretada erroneamente pela maioria, a Umbanda que atualmente se pratica no Brasil está ainda bem longe da realidade. Essa mistura de credos, essa falta de bom senso, essa ignorância de preceitos religiosos, nada mais têm feito do que ocasionar uma verdadeira balbúrdia, numa concepção que é, acima de tudo, divina. A Umbanda nunca foi o que se tem visto e comentado através de livros e reportagens jornalísticas, que a confundem de uma maneira, pode-se dizer, calamitosa.

[58] Aluizio Fontenelle. O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA. Editora Espiritualista, 1950.

Digo e afirmo, que é totalmente falsa a Umbanda que se está praticando no Brasil inteiro. É falsa, porque está longe de conter a verdade na qual ela inteiramente se baseia. É falsa, porque querem atribuir-lhe qualidades que não condizem absolutamente com os seus pontos de vista, a começar pelo seu próprio ritual. É falsa, porque misturaram em sua teogonia, em sua liturgia, etc., quase tudo o que contém as demais religiões. Essa mistura de africanismo, de catolicismo, etc., a que se quer atribuir o nome de Umbanda, não passa de uma falta de compreensão e de bom senso, de vez que, a verdadeira Umbanda, está longe de ser o que se está praticando atualmente.

A religião espírita nunca fez distinção entre *Kartecismo*, *Umbanda* ou *Quimbanda*, bem como o Candomblé nunca deixou de ser uma verdadeira religião de origem africana. Quando digo espiritismo, refiro-me a toda e qualquer manifestação do espírito, em contacto com os seres encarnados; por esta razão, nem Kardec descobriu o espiritismo, nem tão pouco os povos africanos tiveram esse privilégio. O verdadeiro espiritismo é o que se concebe como «LEI DE UMBANDA», que foi emanado por Deus, e que acompanha o homem através dos séculos, desde a sua origem.^[59]

E ao explicar a natureza dos cultos que verdadeiramente se espalhavam pelo Rio de Janeiro e São Paulo, referência a Macumba, ele diz:

O Catolicismo infiltrou-se no Candomblé, e este, por sua vez, procurou imitar nas práticas do *kardecismo* as suas manifestações espirituais. Com o correr dos tempos, os exploradores das situações descobriram nas práticas do Candomblé uma riquíssima fonte de renda, e daí então foi concebida e criada uma nova modalidade na prática espiritual, que passou a denominar-se «Quimbanda», na qual se aproveitaram todos esses fenômenos, para uma prática mista, de feitiçaria e religião.^[60]

Quando a Macumba se encontrou com o Candomblé, no fim dos Séc. XIX e assimilou os *òrìṣà* na sua estrutura de culto, restaurou-se as matanças propiciatórias a entidades. Por conta da desestruturação cultural banto, muitos fundamentos da feitiçaria africana haviam se perdido no tempo. Os fundamen-

[59] Aluizio Fontenelle. A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista, 1952. Interessante essa crítica direta as casas de Macumba que apenas trocaram de nome para Umbanda, mas permaneceram praticando Macumba.

[60] Aluizio Fontenelle. A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista, 1952. Indico a leitura do ensaio *Quimbanda Nâgô* na *Revista Nganga* No. 3.

tos de culto da cultura *yorùbá* revigoraram a Macumba, cujos símbolos estavam depositados em imagens de santos e *pontos riscados* apenas. Esse intercâmbio levou Èṣú òrìṣà a Macumba, onde se tornou Exu-Diabo; por outro lado, a Macumba levou o Caboclo para o Candomblé. Ambas as fusões contribuíram e influenciaram, portanto, a Quimbanda como culto estabelecido a partir de 1950.^[61] Fontenelle diz:

A Quimbanda continua no propósito de manter as antigas tradições de seus descendentes africanos, ao passo que a Umbanda procura pelo contrário, afastar completamente esse sentido incivilizado das suas práticas, devendo-se à influência do homem branco, cujo grau de instrução, já não as admite. A grande diferença entretanto entre as duas religiões, é que:

- a Umbanda somente pratica o bem;
- a Quimbanda visa apenas a prática do mal;
- a Magia Branca combate a Magia Negra, isto é; a Umbanda combate a Quimbanda.^[62]

Mas o real objetivo das obras de Fontenelle é estabelecer a Umbanda não apenas como uma religião socialmente aceita, mas como uma religião *perene*, podendo ser encontrada em inúmeras civilizações e culturas religiosas do passado, daí *umbanda através dos séculos*. Nesse processo, ele reforça a ideia de Lourenço Braga de que forças espirituais opostas, luz e trevas, uma sendo o contrapeso da outra, equilibram o cosmos; no entanto, Fontenelle asseverou a distinção entre luz e trevas, colocando o reino de edon, ou seja, o reino material, diretamente sob a chefia dos Maiores da Quimbanda: Lúcifer, Beelzebuth e Ashtaroth, a *trindade infernal*. Reforçando a antiga ideia de Exu-Diabo dos primórdios da Macumba, Fontenelle conecta os Exus mais conhecidos na época aos demônios de um livro de feitiçaria europeia do Séc. XVIII, o GRIMORIUM VERUM.

Ao fazê-lo, Fontenelle cria uma ponte, estabelece uma conexão direta entre a Quimbanda, a demonologia europeia e a Tradição Oculta Ocidental. Mas, para que esse encaixe pudesse fazer sentido, não bastava apenas conectar aleatoriamente Exus e demônios; a



interpretação teológica católica tradicional deveria acompanhar essa junção. É quando o Exu-Diabo passa a ser o agente de queda moral do homem, comparado a Serpente do Éden. Fontenelle reconta o GÊNESIS e a queda dos anjos, derivada de O LIVRO DE ENOCH, colocando Exu como o Anjo Caído, Lúcifer, no centro da discussão.

A partir disso, toda ideia de mal, incorporada ao Diabo, ao longo de dois séculos, na construção do cristianismo católico, foi atribuída a Exu no cosmos umbandista. Até hoje, são encontrados terreiros de Umbanda que têm medo de incorporar os Exus em seus quadros de entidades de trabalho. Fontenelle reforçou ainda mais as primeiras concepções da Macumba de Exu-Diabo, os conectou diretamente a demônios e construiu no imaginário brasileiro a identidade diabólica e demoníaca de Exu. E o que seria das seitas cristãs pentecostais sem a presença de Exu e Pom-bagira nos cultos.^[63] Fontenelle apresenta o

[61] Veja o ensaio *Quimbanda Nàgô* na *Revista Nganga* No. 3.

[62] Aluizio Fontenelle. O ESPIRITISMO NO CONCEITO DAS RELIGIÕES E A LEI DE UMBANDA. Editora Espiritualista, 1950.

[63] Eu havia pensado em fazer essa nota na seção anterior, quando falamos de Lourenço Braga. Mas em Fontenelle a ideia vem à tona com mais força! É impossível não fazer uma comparação histórica nesse processo cosmológico dividido em luz e trevas de Lourenço Braga e Aluizio Fontenelle com a construção da ideia de Diabo e do mal nas primeiras eras do cristianismo. Toda a narrativa do Novo Testamento constrói a ideia de um ente das trevas, o Diabo, em guerra perpétua com as forças da luz. O Novo Testamento é um evangelho de guerra apocalíptica onde todo o cosmos está imerso em uma batalha entre as forças do bem contra as forças do mal. De modo geral essa cosmogonia

Chefe Império Maioral, o Diabo, como:

A Entidade Máxima, denomina-se «MAIORAL», tendo ainda outros denominativos, tais como: Lúcifer, Diabo, Satanaz, Capêta, Tinhoso, etc., etc., sendo que nas Umbandas é mais conhecido com o nome de EXU-REI.^[64]

Para Maioral ele atribui a imagem tradicional de Baphomet e um Brasão Imperial, nos quais os mistérios do culto da Quimbanda estão demonstrados através de símbolos mágicos, esotéricos, cuja influência direta é a *alta magia* de Eliphaz Levi (1810-1875).

O que destaca Fontenelle dos outros autores umbandistas é a profunda influência que sofreu de Eliphaz Levi, mago e ocultista europeu.^[65] A obra de Fontenelle está recheada de elementos do sistema mágico estabelecido ou vislumbrado pelo mago. Fontenelle declara:

Da mesma forma que os cabalistas e magos, os perfeitos iniciados na Lei de Umbanda lidam com as forças supremas da espiritualidade, uma vez que as entidades que manobram nas manifestações espirituais utilizam-se de processos mágicos, em tudo semelhantes aos *dogmas e rituais da Alta Magia*.^[66]

E ele mesmo confessa:

Como complemento deste livro, baseei-me nos conhecimentos obtidos através de literaturas sobre ALTA MAGIA, para que ficasse completa a exposição que pretendo fazer, bem como procurei orientação em obras religiosas que bem definem a verdade sobre

sempre esteve profundamente enraizada na formação doutrinária umbandista, mas foi Fontenelle que asseverou com mais profundidade a conexão direta entre Exu, a Quimbanda e a prática do mal, dando continuidade as ideias de Lourenço Braga. No excerto que abre essa seção, Fontenelle diz que a Umbanda foi criada para combater a Quimbanda, assim como as forças da luz na interpretação católica se opõem e combatem as forças das trevas. O trabalho de Fontenelle destaca, portanto, unicamente na literatura umbandista, uma aplicação teológica da ideia do mal por meio de Exu e da Quimbanda. É por isso que em ensaios anteriores na *Revista Nganga* que eu disse que nenhuma discussão acerca da Quimbanda estaria completa sem um estudo do Diabo como símbolo e a origem do mal. Fontenelle se propôs a isso! Sobre a construção da ideia de Diabo veja a coleção de livros de Jeffrey Burton Russel. Veja também de Elaine Pagels, *As Origens de Satanás* (Ediouro, 1996) e Adão, Eva e a Serpente (Rocco, 1992).

[64] Aluízio Fontenelle. Exu. Editora Espiritualista, 1951.

[65] Eliphaz Levi é um dos principais ícones do Ocultismo moderno, tendo influenciado inúmeros sistemas de magia.

[66] Aluízio Fontenelle. A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista, 1952. Referência a obra de Eliphaz Levi, Dogma e Ritual de Alta Magia.

as atividades dos «GÊNIOS DO MAL».^[67]

Interessante que em outra passagem ele faz nova referência aos dogmas e rituais da *alta magia negra*, que se trata de estar munido dos fundamentos secretos para manipular os *agentes mágicos universais*, colocando ênfase na necessidade de iniciação para adquirir esses segredos:

Tornar-se um iniciado é estar a par de todas as condições que regem os cultos, e assenhorear-se dos mistérios que envolvem os fenômenos espirituais. É estar senhor dos segredos que se apresentam nos dogmas e rituais da magia negra, onde a sua mente privilegiada o conduz ao perfeito contato com os entes que se dizem sobrenaturais, dominando desta forma as manifestações dos AGENTES MÁGICOS UNIVERSAIS, mais conhecidos na gira Umbandista com o denominativo de Exus.

[...] Concebe-se a INICIAÇÃO, como instrução educacional, na qual o iniciado se instrui mental e espiritualmente nos estudos das faculdades próprias da sua capacidade e do seu esforço, em prol de um desenvolvimento maior, de percepção e força.

Em outras palavras: resume-se a iniciação, em cultuar duas espécies ou modalidades de mistérios dogmáticos, assim concebidos: *iniciação elementar* ou a prática de *mistérios superiores*.^[68]

Por toda a obra Fontenelle nos faz inferir da necessidade de se adquirir conhecimento de alma magia ou magia ritual, seus símbolos e a organização adequada dos mesmos. O intelecto (ou percepção) e a força ou, nos termos de Eliphaz Levi, a imaginação e a vontade, devem ser equilibradamente aplicados na manipulação dos *agentes mágicos universais*, os Exus da Quimbanda. No Brasão Imperial do Chefe Império Maioral, o Intelecto (imaginação, cognição, uso da razão etc.) e a Vontade (o ímpeto ou impulso mágico-criativo) são representados pelas duas estrelas laterais, a conjunção das forças planetárias de Mercúrio e Marte, como Fontenelle as descreve.^[69]

Mercúrio e Marte são signos que se comunicam bem na astrologia. O primeiro representa a mente, o raciocínio, a comunicação e a imaginação; o segundo representa a força individual, a vontade ou impulso criativo

[67] Aluízio Fontenelle. A UMBANDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS. Editora Espiritualista, 1952.

[68] Ibidem.

[69] Ibidem.

que carregamos. Para manipulação do *agente mágico universal*, a *luz astral* ou *alma do mundo*, representado na Quimbanda como Maioral e suas hordas de Exus e Pombagiras, é necessário que a mente e a vontade atuem uníssonas durante o processo. A *luz astral* é completamente bombardeada com as forças mercuriais da mente e com as forças marciais da vontade, criando movimento dentro dela. Esse movimento é carregado com mais força (a \tilde{s} e) por meio da fundamentação do culto, ou seja, o uso de fumo, cachaça, oferendas propiciatórias etc.

Fontenelle apresenta a Quimbanda como uma *religião mágica* e o Brasão Imperial do Chefe Império Maioral, o Diabo, contém todos os símbolos da atuação magística da Quimbanda, *onde Lúcifer mostra toda a sua supremacia como «agente mágico universal»*.^[70] O triângulo mágico de Salomão é invertido, porque demonstra a *Trindade do Oposto* e a regência das forças materiais, portanto, de ponta a cabeça. Essa trindade representada no triângulo tem sobre si um sol, símbolo das forças irradiantes de Lúcifer, dominador das forças naturais e dos fenômenos da Natureza, de todo reino material. O Ouroboros significa o equilíbrio entre as forças da vida e da morte, a força material em constante transformação, o *solve et coagula* nos braços de Baphomet. Eliphaz Levi demonstra:

Dar um ponto fixo para apoio à atividade humana é resolver o problema de Arquimedes, realizando o emprego da sua famosa alavanca. É o que fizeram os grandes iniciadores que deram abalos no mundo, e só puderam fazê-lo por meio do grande e incomunicável segredo. Aliás, para garantia da sua nova juventude, a fênix simbólica só reapareceria aos olhos do mundo depois de ter consumido solenemente os restos e as provas da sua vida anterior. É assim que Moisés faz morrer no deserto todos os que teriam conhecido o Egito e seus mistérios; é assim que São Paulo, em Éfeso, queima todos os livros que tratavam de ciências ocultas; é assim, enfim, que a revolução francesa, filha do grande Oriente de Johannita e da cinza dos Templários, espolia as igrejas e blasfema contra as alegorias do culto divino. Mas todos os dogmas e todos os renascimentos proscurevem a magia e votam seus mistérios ao fogo ou ao esquecimento. É que todo culto ou toda filosofia que vem ao mundo é um Benjamim da humanidade que só pode viver dando a morte à sua mãe; é que a serpente simbólica gira sempre de-

[70] Ibidem.

vorando a sua cauda; é que é preciso, para sua razão de ser, a toda plenitude um vácuo, a toda grandeza um espaço, a toda afirmação uma negação; é a realização eterna da alegoria da fênix.^[71]

O pentagrama invertido e o *ponto de São Cipriano* (o hexagrama), juntos, têm o significado de domínio total sobre o plano material (pentagrama) e todos os seus espíritos, através dos dogmas da alta magia (hexagrama). O domínio total das Ciências Ocultas, que levam o homem a tornar-se um Mestre da *Vida material*. As ponteiras laterais, direcionadas para baixo, reforçam a regência sobre os poderes naturais da matéria e como complemento, através do símbolo da lua e as cruces sobre ela, do mundo dos mortos. As espadas cruzadas são um complemento das forças mercuriais e marciais (as estrelas laterais) representando o *poder absoluto* para manipular o *agente mágico universal*.

Sabe a existência e a natureza do grande agente mágico, ousa fazer os atos e pronunciar as palavras que o submetem à vontade humana, e *cala-se* sobre os mistérios do grande arcano.^[72]

Diz o ditado, o *segredo da Quimbanda é o segredo*. Esse segredo não é outro que acessar e manipular o *agente mágico universal*, através dos fundamentos do Culto de Exu. Entre as décadas de 1940 e 1970, inúmeros autores consagrados da tradição literária umbandista se propuseram a falar sobre esses *segredos de manipulação* deste *agente mágico*.

O livro Exu, de Fontenelle é importante por muitos motivos. É nele que pela primeira vez não se fala em *linhas de trabalho*, mas em reinos, sendo dois apresentados: o Reino das Encruzilhadas e o Reino do Cemitério, dentro do Reino de Odum (o plano material). Esta é a primeira vez que a ideia de reinos e não de linhas é associada a Quimbanda, que depois veio a desenvolver mais reinos. Mas, embora Fontenelle apresente a ideia de reinos, através dos gráficos que disponibilizou, é possível inferir que ele tentou harmonizar ambas as ideias: *linhas e reinos*.

A partir de Fontenelle, a Quimbanda como tradição demonológica, de iconografia simbólica diabólica, associada a Tradi-

[71] Eliphaz Levi. Dogma e Ritual de Alta Magia. Madras, 2019.

[72] Ibidem.

ção Oculta Ocidental, cresceu e se expandiu como um sistema coeso de práticas, dividido em vertentes tradicionais. Lourenço Braga havia profetizado que, em 2020, a Quimbanda iria passar por profundas transformações. Eu acredito que nós fazemos parte dessas transformações.

SEÇÃO . I V .

CONCLUSÃO: A MORTE DO FEITICEIRO BRANCO NA QUIMBANDA

Em linhas gerais, o que nós temos até agora? Resumindo, essa ideia falaciosa de que existiu no passado uma *kimbanda* pura, sem inserções eurocêntricas, é pura desonestidade intelectual. Antes das décadas de 1940 e 1950, o termo *kimbanda* era associado a um indivíduo, não a um sistema iniciático de desenvolvimento magístico.^[73] Ao redor de Exu gravitavam um conjunto de práticas sincréticas que mudavam ao gosto e conhecimento do *kimbanda*. Nas décadas de 1910 e 1920, esses indivíduos se aglomeravam nas periferias do Rio de Janeiro, onde o contato com o campo era mais fácil e nos bairros de São Paulo e, em sua grande maioria, eram brancos e até estrangeiros. Esses *kimbandas* brancos - às vezes italianos ou franceses - traziam para dentro do culto inúmeros elementos da magia e folclore de sua cultura. É por isso que se encontra dificuldade em estabelecer qualquer homogeneidade associada a Macumba, nome pelo qual o trabalho desses *kimbandas* assumiu com o tempo. Cada *kimbanda* do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo miscigenava em sua casa, templo ou terreiro as práticas de feitiçaria africana (congo-angolana) aos passes magnéticos do espiritismo, a pajelança cabocla, o catolicismo popular e a magia europeia, segundo seu entendimento particular.^[74]

É somente nas décadas de 1940 e 1950 que a Quimbanda começou a tomar contornos de

[73] Sistema iniciático de desenvolvimento magístico porque a Quimbanda se preocupa apenas com uma questão: o aperfeiçoamento da arte de fazer magia. Veja o ensaio que abre essa edição: *Quimbanda & Magia Cerimonial: o Baphomet de Eliphaz Levi & o Maioral da Quimbanda*.

[74] O grau de inserção de cada uma dessas práticas dependia, portanto, de cada *kimbanda*.

uma tradição iniciática nas obras de autores que buscavam validar a Umbanda como religião brasileira. A busca pela consolidação de uma identidade nacional, nas décadas de 1930 e 1940, levaram os umbandistas a separar o trabalho deles, a *magia branca superior*, da *magia negra inferior*, o *baixo espiritismo*, referência a Macumba e o trabalho dos *kimbandas* com Exu. Devido a isso, Exu sumiu da Umbanda por um bom tempo, até retornar com força na década de 1940.^[75] É nesse período que a Quimbanda, como tradição, foi germinada e somente nas décadas de 1950 e 1970 a Quimbanda se estabelece como um sistema de desenvolvimento magístico, como uma revisão radical da antiga Macumba. É quando os arcanos antigos africanos são restaurados completamente. Por exemplo: os assentamentos ou vasos de poder da Quimbanda substituem o culto amorfo das imagens que os primeiros *kimbandas* faziam!

Estes primeiros *kimbandas*, dos negros como Juca Rosa - o *chefe das macumbas* - no fim da década de 1890, aos brancos estrangeiros das décadas de 1910 e 1930, sempre associaram o cristianismo popular, ou seja, os santos católicos sincretizados com *òriṣà*, desde o início e esse foi o *cruzamento* que mudou a antiga perspectiva da Cabula para a nova perspectiva da Macumba: foi quando os *òriṣà* chegaram na Cabula, por meio dos santos católicos, que os núcleos familiares se dissolveram nos indivíduos *kimbandas*, cujas práticas foram designadas pelo nome de Macumba.

Então, é mentira que existiu uma *kimbanda* sem eurocentrismo! Os *kimbandas*, os chefes das macumbas cariocas e paulistas, eram os últimos repositários da antiga sabedoria mágica africana, agora miscigenada com catolicismo, pajelança cabocla, espiritismo e magia europeia. Quando você consulta um pai de santo da Umbanda e ele fala que você

[75] Tanto que no mito de Zélio de Moraes (1891-1975) não há a presença de Exu, somente do Caboclo *das Sete Encruzilhadas*. O *caboclo* representava o *mestiço* como símbolo da identidade nacional. Interessante notar que ele era das Sete Encruzilhadas, terreno ou reino associado a Exu. Na sua luta contra as perseguições do estado e na sua busca por validação e aceitação social a Umbanda ocultou Exu. Mas em 1940, na Tenda Espírita São Jorge no Rio de Janeiro, uma das tendas originárias do trabalho de Zélio de Moraes, os Exus tiveram a autorização do Caboclo Tupinambás para retornarem a Umbanda, se apresentando no fim das giras. É quando a Quimbanda se torna um ritual dentro da Umbanda.

tem uma *kimbanda*, se trata de um exercício individual de relação com Exu, prática que remonta aos *kimbandas* das macumbas.

Mas, a partir das décadas de 1940 e 1950, *kimbanda* deixa de ser uma prática individual e torna-se a Quimbanda, uma tradição organizada com ritos, oferendas, praticas iniciatórias, sacrifícios propiciatórios a Exu, Maioral (ou Trindade Infernal), de caráter demonológico e de iconografia diabólica. Nascem as *sete vertentes tradicionais* da Quimbanda: Malei, Almas, Nãgô, Mussurumim, Caveiras, Caboclos *Kimbandas* e Mista. Cada uma trazendo arcanos secretos, na maneira de lidar com Exus e Pombagiras.

A Quimbanda trata-se, portanto, de um sistema de práticas estabelecidas e repetidas através do tempo e espaço. É uma prática sistêmica e consistente de desenvolvimento e comunicação com Exu, para o aperfeiçoamento da arte de fazer magia.

Quimbanda passou a ser uma tradição e o *kimbanda* o indivíduo iniciado nessa tradição, não mais àquele indivíduo disperso e

desenraizado das primeiras Macumbas, não mais àquele umbandista, pai de santo- ou não -, que cuida *da sua kimbanda*. A partir de então, para que um indivíduo seja reconhecido como um *kimbanda*, ele deve ter sido iniciado e pertencer a uma família tradicional de Quimbanda.

Alguns pais de santo da Umbanda Omolocô têm tentado disseminar a ideia de uma *kimbanda primordial*, claro, conectada ao trabalho deles, onde buscam apagar as raízes ancestrais da Europa. Eles têm tentado assassinar a reputação dos feiticeiros brancos da Quimbanda, no sentido de representarem o colonialismo, o sincretismo confuso e o eurocentrismo. Muito à se jogado fora: não se apaga memórias ancestrais tão profundamente enraizadas.

Táta Nganga Kamuxinzela
Mestre de Quimbanda Nãgô e
Quimbanda Mussurumin
Cova de Cipriano Feiticeiro



O Sacrifício de Animais

O sacrifício animal é um dos temas mais controversos dentro das práticas espiritualistas, principalmente aquelas que possuem uma matriz ou uma forte influência africana. Parte disto dá-se pelo desconhecimento, parte pelo preconceito e ainda podemos acrescentar uma campanha hipócrita e difamatória a essa baila.

Eu já tive pensamentos antagônicos sobre o sacrifício animal, principalmente aquele dentro da Umbanda. Existe uma diferença grande entre o trabalho com carne, sangue e vísceras e o sacrifício em si.

Em minha tradição de Umbanda o uso de carne sempre foi feito, além de outros elementos animais. Fazíamos a entrega de carne seca, de coração de galinha, de moela de galinha, de bifés bovinos e suínos e outros para os Exus, podendo também incluir pertences na feijoada de Ogum e outros elementos de origem animal, como ovo para Oxum, mel para Oxalá, camarão para Oxum, Nanã e Iemanjá, entre outros.

O grande porém, dentro da UMBANDA

quanto ao sacrifício é que como não é um elemento da religião mais difundido, raramente temos sacerdotes preparados para fazer a imolação do animal com o encantamento correto, com o propósito correto e tendo fundamentação de mão de faca. Poucas Umbandas têm Axoguns^[1] dentro de suas fileiras.

Se não temos um especialista para isso quando procedemos com a imolação, podemos cometer vários erros, dentre eles o sofrimento do animal, por meio de um corte malfeito. Não basta só abrir a garganta do animal, é preciso saber como fazer isso, no local correto, a posição da faca e o que se faz posteriormente ao corte.

Agora, o sangue em si é o elemento vital do animal e possui muito Moyo,^[2] provocador e carreador de mudanças energéticas e mágicas. A princípio, apenas as umbandas com muita raiz Congo e Nagô acabam praticando o corte ritual, sendo que as Umbandas, após 1908, aboliram essa prática em uma “espiritização” da Umbanda. Mas, essa prática não foi abolida apenas no que tange o corte, mas também o uso de qualquer elemento de origem animal, o que não faz muito sentido com a raiz e tradição das casas mais antigas.

Além disso, há toda uma carga preconceituosa que impinge, na população religiosa da macumba, o entendimento que a magia que usa do sacrifício é menos evoluída, baixa e maligna. Nada disso é verdade!

Quando há o processo do sacrifício animal, existe respeito por aquela vida que está sendo dada em função de outra. Existe um contexto nessa troca, existe uma paga a essa vida e existe uma sacralidade, justamente por isso o termo sacrifício advém dos termos Sacro-Ofício, ou seja, Ofício Sagrado.

[1] Axogum ou Ashogun é o sacerdote responsável pelo sacrifício animal. Ele é preparado para isso, recebe o Axé da faca e tem os encantamentos corretos.

[2] Moyo é o termo em quimbundo sinônimo ao Axé, do povo iorubano.





Na Quimbanda, o sangue é pilar básico, sem sangue não há Quimbanda. A Quimbanda é o culto da faca, então não ter sacrifício na Quimbanda, impede a prática da Quimbanda em si. Quanto a Umbanda, isso fica a cargo da formação do dirigente espiritual, temos umbandas sem sacrifícios (Branca, Esotérica, Sagrada, etc.) e temos umbandas com sacrifícios (Omoloko, Angola, Banto-ameríndio, Congo, etc.).

O processo do uso do animal é um segredo de família, não se revela. Sabemos que é usado bichos de dois pés (aves em sua maioria, como pombos, galinhas, galos etc.), temos os chamados de quatro-pés (bois, carneiros, cabritos, cabras, bodes etc.) e podemos – em algumas tradições – encontrar os meio quatro pés (patos, faisões, pavões e outras aves maiores).

O uso de cada um depende muito das situações em que eles são necessários, além disso, podemos sempre confirmar o tipo de bicho, a cor do bicho, a quantidade de animais que serão dados em sacrifício as entidades e orixás, por meios oraculares.

Na Quimbanda, onde só trabalhamos com Exus e Pombagiras, os próprios podem pedir seus bichos ou o oráculo irá revelar, ao sacerdote, qual o bicho apropriado.

Claro, que muitos ainda torcem o nariz para o que é feito com o animal e por se tratar de uma religião onde o preconceito racial ainda está muito explícito. Então, para esses recomendamos que leiam sobre

abates animais para os povos judeus (que inclusive é defendido na bíblia em Levíticos 22, e claro que na bíblia judaica também) e entender como é esse processo de holocausto.

Estou defendendo a procura do sacrifício no judaísmo, pois o cristianismo deriva dessa religião. Se fosse citar as religiões dos povos originais, dos gregos, dos romanos, dos celtas, dos teutões e de todas as outras culturas não-cristãs mundo a fora, seria taxado como um recurso pagão.

A prática de sacrifício animal, para fins religiosos, foi considerada constitucional pelo STF (Supremo Tribunal Federal) em agosto de 2018.

O entendimento do sacrifício não pode ser visto como um recurso de “povos primitivos”, mas sim como um direito e base fundamental das religiões de matriz afro-brasileira - além de ter todo seu contexto místico e religioso, dentro de cada uma dessas religiões!

Existe uma necessidade de compreender isto, respeitar e saber que há porquê em tudo!

Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote do Templo de
Quimbanda Cova de Tiriri
Agendamentos e atendimentos:
www.instagram.com/covadetiriri





UM ORÁCULO PARA A UMBANDA E PARA O UMBANDISTA

Aprofunde seu contato com a espiritualidade

Mude sua espiritualidade para melhor

Descubra seus orixás e guias tutelares



O processo oracular sempre esteve envolvido na comunicação com os deuses, espíritos e encantados. Por meio de várias ferramentas, conseguimos saber os desejos, os aconselhamentos e orientações que a espiritualidade tem para nossas vidas.

Contudo, dentro da Umbanda, onde o oráculo é a Entidade incorporada, muito se sentia a falta de um processo oracular para conversar com essas entidades, então unindo os conhecimentos de oráculos e com a inspiração dos mentores dos trabalhos espirituais, Tata Kamuxinzela, Mestre em Quimbanda Nàgô e Mosurumin e Kimbanda Zelawapanzu, sacerdote de Umbanda e de Quimbanda, trouxeram um método eficiente para auxiliar nesse processo.

Neste curso é possível receber instruções tanto da Umbanda (direita), quanto da Quimbanda (esquerda) por meio do Caboclo, Preto-Velho, Exu ou Pombagira Tutelares.

Também é possível descobrir os espíritos que compõe a coroa mediúnica de um indivíduo assim como os seus Orixás de cabeça.

Inscreva-se Já e garanta uma ferramenta importante para o progresso dos seus trabalhos espirituais, que não necessita do envolvimento do espírito e sua manifestação pela incorporação.

Saravá! Mucuiu! Nguzo ê!

www.oraculodeumbanda.com.br

Idealizadores



**PAPO NA
ENCRUZA**





NO CHANGA